

revista **afriica**
afriica

Ano XIV - Ed. 39, Ago-Out de 2021 – ISSN: 1983-2354



I Simpósio Internacional
lendo, pesquisando e ensinando
LITERATURAS AFRICANAS

DOSSIÊ



03 A 07 DE MAIO DE 2021

QUISSAMÃ

AGO/ 2021



Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 39, Ago-Out de 2021 – ISSN: 1983-2354
Dossiê I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas
03 a 07 de maio de 2021, Quissamã, RJ



Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 39, Ago-Out de 2021 – ISSN: 1983-2354
Dossiê I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas
03 a 07 de maio de 2021, Quissamã, RJ

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES

DIRETORA GERAL

Nágila Oliveira dos Santos

DIREÇÃO EXECUTIVA

André Luiz dos Santos Silva

I SIMPÓSIO INTERNACIONAL LENDO, PESQUISANDO E ENSINANDO LITERATURAS AFRICANAS

EQUIPE DE ORGANIZAÇÃO

Bruce Lalibela Carosini – Brasil
Cristina Aparecida Silva – Brasil
Cristiane Pereira Soares Martins – Brasil
João Vitor Sena Campos – Brasil
Leandro Rodrigues Nascimento da Silva – Brasil
Luane Neves de S. Porto – Brasil
Nágila Oliveira dos Santos Silva – Brasil
Paulo César Alves Garcia – Brasil
Tatiane Sant’Ana Coelho Reis – Brasil

EQUIPE TÉCNICA

André Luiz dos Santos Silva – Brasil
Jean Gustavo de Oliveira Moraes - Brasil
Paulo César Alves Garcia - Brasil
Nágila Oliveira dos Santos - Brasil
Tatiane Sant’Ana Coelho Reis - Brasil
Thomas Dreux Miranda Fernandes – Brasil

EQUIPE DE MEDIADORES (AS)

Alessandra Gomes da Silva – Brasil
André Luiz dos Santos Silva – Brasil
Domingas Mulenza – Angola
Elisabete Nascimento – Brasil
Érica Azevedo Santos – Brasil
Érica Luciana de Souza Silva – Brasil
João Vitor Sena Campos – Brasil
José Manuel Mussunda da Silva - Angola
Lisiane Nieldsberg Corrêa – Brasil
Luane Neves de S. Porto – Brasil
Nágila Oliveira dos Santos – Brasil
Márcia Neide dos Santos Costa – Brasil
Ricardo Silva Ramos de Souza – Brasil
Tháise de Santana Santos – Brasil
Thomas Dreux Miranda Fernandes – Brasil

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO E ARTE

André Luiz dos Santos Silva – Brasil
Bruce Lalibela Carosini - Brasil

Cristiane Pereira Soares Martins – Brasil

PALESTRANTES

Alessandra Gomes da Silva – Brasil
Alex Santana França – Brasil
Ametista de Pinho – Brasil
Ângela da Silva Gomes Poz – Brasil
Aníbal João da Silva Melo – Angola
Carlindo Fausto Antonio – Brasil
Celso Manguana – Moçambique
Chris Jones – Brasil
Denilson Lima Santos – Brasil
Denise Costa – Brasil
Dionísio Geraldo Bahule – Moçambique
Edyanna de Oliveira Barreto – Brasil
Eliane da Silva – Brasil
Eliane Santana Dias Debus – Brasil
Ernani Silvério Hermes – Brasil
Eliseu José Pereira Ié – Guiné-Bissau
Érica Luciana de Souza Silva – Brasil
Franciéle Carneiro Garcês da Silva - Brasil
Ketty Margarete Valencio – Brasil
Machaia Muhammade Mualaca - Moçambique
Roclaudelo N'Dafá de Paulo Silva Nanque – Guiné-Bissau
Rosângela Aparecida Marquezi – Brasil
Sarah Maria Forte Diogo – Brasil
Taís dos Santos Abel – Brasil
Tháise Santana – Brasil
Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina – Cabo Verde

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO EDITORIAL

Nágila Oliveira dos Santos

REVISÃO DE NORMAS

Vanessa Batista da Silva
André Luiz dos Santos Silva

CAPA: Nágila Oliveira dos Santos

DOI:10.46696/issn1983-2354.raa.2021v14n39.simpósiointernacionallitafricanas2021.p1-93

INDEXADORES:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Mariana Fernandes dos Santos	5
QUEM MANDOU CORTAR A PEREIRA?	8
Celso Manguana	8
RETECENDO VIVÊNCIAS: O ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS COMO ESPAÇO DE (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	11
Ametista de Pinho Nogueira Silva	11
“A MULHER DE PÉS DESCALÇOS” QUE HABITA EM NÓS.....	13
Eliane da Silva.....	13
DOSSIÊ LITERÁRIO: ESPECULAÇÕES EM TORNO DA LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E EROTISMO	17
Elisabete Nascimento	17
ONDJAKI E ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL ANGOLANA	24
Alessandra Gomes da Silva.....	24
DIMENSÕES ENSINÁVEIS E CONFIGURAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM <i>O REGRESSO DO MORTO</i>, DE SULEIMAN CASSAMO	27
Sarah Maria Forte Diogo	27
OLINDA BEJA EM POESIA E PROSA	32
Tháise Santana.....	32
DO ESTRONDO A DESCOBERTA: COMO A SERENDIPIDADE MOVIMENTA AS MULHERES EM <i>NIKETCHE</i>	34
Taís dos Santos Abel	34
DJÊNIA E SONÊA: LIVROS, LEITURAS E LEITORES DE GUINÉ-BISSAU .	37
Denilson Lima Santos	37
A PRESENÇA DO MAR NA POESIA DE PAULINA CHIZIANE	42
Márcia Neide dos Santos Costa.....	42
OLHARES SOBRE O BRASIL NA OBRA DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, OLHARES SOBRE AGUALUSA NA PESQUISA E ENSINO BRASILEIROS ..	50

Alex Santana França.....	50
PAULINA CHIZIANE: (ESCRE)VER O MUNDO PELO OLHAR DA MULHER	58
Ângela da Silva Gomes Poz	58
O APARTHEID NA LITERATURA DE J. M. COETZEE	62
Ernani Hermes	62
“RIQUEZA” LITERÁRIA EM MIA COUTO: UM OLHAR EM NEOLOGISMOS, PROVÉRBIOS E CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS EM TERRA SONÂMBULA E O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO	66
Machaia Muhammade Mualaca	66
MESAS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL LENDO, PESQUISANDO E ENSINANDO LITERATURAS AFRICANAS.....	72
MESA VOZES DAS LITERATURAS DE CABO VERDE E ANGOLA	73
MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DE GUINÉ-BISSAU E MOÇAMBIQUE	74
MESA OLHARES SOBRE A LITERATURA DE MOÇAMBIQUE... 75 DIÁLOGO COM O ESCRITOR MOÇAMBICANO CELSO MANGUANA.....	77
PALESTRA "A MULHER DE PÉS DESCALÇOS" QUE HABITA EM MIM.....	77
PALESTRA OLINDA BEJA EM POESIA E PROSA.....	78
MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DA ÁFRICA DO SUL E ANGOLA.....	79
MESA EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E DECOLONIAL: DA BIBLIOTECA À SALA DE AULA.....	80
PALESTRA ONDJAKI E ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL ANGOLANA.....	81
MESA VOZES E OLHARES SOBRE A LITERATURA MOÇAMBICANA.....	82
MESA DIÁLOGOS COM JOÃO MELO.....	83
PALESTRA PAULINA CHIZIANE E O MAGNETISMO FEMININO	84
MESA OLHARES SOBRE A LITERATURA MOÇAMBICANA	85

MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DOS PAÍSES DA CPLP

.....	86
OLHARES SOBRE AS LITERATURAS INFANTIS E INFANTOJUVENIS AFRICANAS	87
PALESTRA O ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS COMO ESPAÇO DE (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	88
VOZES E OLHARES SOBRE A LITERATURA DE GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E ANGOLA	89

APRESENTAÇÃO

Mariana Fernandes dos Santos¹

Abrindo caminhos para as linguagens, discursos e narrativas que se inter cruzam nos encontros literários africanos e afrodiáspóricos, do Dossiê do **I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas** apresento nesta trama, escritos se aquilombam como elemento de cultura, da ciência e da produção artística, que traz águas mansas e movimentadas para o diagnóstico de realidades e (re)construções de políticas sociais e educacionais, para a garantia da promoção de uma educação que promova igualdades nos espaços escolarizados ou não, bem como garanta trilhas formativas democráticas, emancipatórias e principalmente, antirracistas.

O Dossiê **I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas**, abre a caixa de leitura com Celso Manguana que em *Quem mandou cortar a pereira?*, apresenta uma criação poética engajada que traz reflexões metafóricas de processos sociais monolíticos e ditatoriais que reverberam violências.

Na sequência, Ametista Silva, no seu texto *Retecendo vivências: o ensino de literaturas africanas e afrodiáspóricas como espaço de (re) construção identitária*, discute a contribuição das literaturas africanas e afrodiáspóricas como um meio de fortalecimento e pertencimento étnico-racial nas escolas, bem como um caminho para a promoção de uma educação antirracista.

Trilhando o caminho, *“A mulher de pés descalços” que habita em nós*, encena uma narrativa do sagrado feminino, lembrando movimentos de mulheres negras, sobre as dores e curas de ser-mãe negra, a autoria do texto é de Eliane da Silva.

O texto *Dossiê literário: especulações em torno da língua portuguesa, literatura e erotismo*, de Elisabete Nascimento, faz um relato de uma poética-prosa provocante que envolve corpos, subjetividades, memórias e direitos negados aos povos africanos.

A Alessandra da Silva, em *Ondjaki e algumas palavras sobre a literatura infanto-juvenil angolana*, nos permite um passeio pela literatura infanto-juvenil de

¹ Professora Dr^a do IFBA- campus Eunápolis. Docente permanente do Mestrado PROFEPT-IFBA.

Angola, em defesa de práticas fluidas, criativas e democráticas para as vivências de leitura de crianças e jovens.

Com o desejo de refletir sobre as potencialidades epistemológicas da produção de literaturas africanas em língua portuguesa, Sarah Diogo escreve *Dimensões ensináveis e configurações da violência em O regresso do morto, de Suleiman Cassamo*, memórias e oralidades, também são temas no texto em questão.

Com poesia e prosa, Thaíse Santana nos conta um pouco sobre a tradição literária de São Tomé e Príncipe no contexto de literaturas africanas, escritas em português, e, traz em especial, o protagonismo da escritora *Olinda Beja em poesia e prosa*.

Do estrondo à descoberta: como a serendipidade movimenta as mulheres em Niketche, de autoria de Taís Abel, apresenta um romance envolvente sobre corpo, arte e criação literária, e ainda, movimento de mulheres em literaturas africanas.

Denilson Santos, em *Djênia e Sonêa: livros, leituras e leitores de Guiné-Bissau* coloca em cena literária africana a possibilidade de vivências leitoras por meio da oralitura e provocações sobre tradições locais e tensões entre a tradição e a modernidade, com vistas às relações sociais e estéticas que envolve o texto literário.

A presença do mar na poesia de Paulina Chiziane, texto de Márcia Costa, faz águas em mar e em nossas emoções com a análise de poemas da escritora que também dá nome ao título do texto de sua autoria. Márcia faz o resgate ancestral por meio da prosa-poética de Chiziane falando sobre travessias, dores e da esperança que o mar representa às pessoas escravizadas.

Alex França, em *Olhares sobre o Brasil na obra de José Eduardo Agualusa, olhares sobre Agualusa na pesquisa e ensino brasileiros*, movimenta reflexões sobre as vivências literárias do escritor Agualusa, bem como suas relações sociais nos trânsitos entre Brasil e Angola.

Paulina Chiziane: (escre)ver o mundo pelo olhar da mulher, de autoria de Ângela Poz, é uma parte do dossiê que retoma a importância da escritora moçambicana Paulina. Vemos então, um movimento de uma mulher negra que busca suas vivências e resistências em uma sociedade patriarcal.

Ernani Hermes em *O apartheid na literatura de J. M. Coetzee* comunica por meios de narrativas, o papel do apartheid como um fio condutor das produções literárias que denunciam os processos históricos de regimes de segregação, suas subjetividades e impactos.

“Riqueza” literária em Mia Couto: um olhar em neologismos, provérbios e construção de personagens em Terra sonâmbula e O último voo do flamingo é a produção de autoria de Machaia Mualaca que tem como foco, a apresentação de

neologismos, provérbios e complexidade da construção literária de personagens na obra de Mia Couto.

Fechando a nossa trama, o texto de Chis Jones, intitulado *Reflexões sobre masculinidades negras na escrita de Eliseu Banori* tece reflexões sobre as escrituras do poeta Ondjaki, realizando provocações sobre o corpo feminino, diante da presença intensa de mulheres atuando como alma, essência e vida na rua, bem como o movimento de memória afetiva, e nesse contexto, o autor faz provocações de “estórias”, vivências e ausência de masculinidades.

Temos aqui então, um projeto de escrituras em que as produções que compõem essa coletânea revelam e nos desloca a rediscutir o que está posto na sociedade vigente e nos inquieta a perguntar quem está confortável ou não nessas realidades, e ainda, se as diferenças e diversidades são contempladas, ou, ao contrário, são universalizadas, essencializadas.

Por tudo dito, afirmo que aceitar o convite às leituras deste dossiê é adentrar à possibilidade de vozes que ecoam suas oralidades em um potente seminário e agora reconfigura outros registros por meio de textos escritos que resultam de processos de criações literárias, análises, resultados de estudos, saberes que movimentam circularidades de saberes e transcendem os muros das instituições, e abrindo cortinas e portas, lavam e elevam chãos com banhos de ervas que regam trajetórias, que subsidiam junções entre ciência, literatura, autobiografia e criação.

QUEM MANDOU CORTAR A PEREIRA?

Celso Manguana²

O senhor Vilanculos decidiu cortar a pereira. Ele acreditou ter esse direito. E numa manhã sem que nenhum de nós desse por isso, munuiu-se de um serrote e cortou a pereira. O senhor Vilanculos que nessa altura já lhe chamávamos de, senhor Vilagrande, acreditou que por a pereira estar no quintal do prédio onde morava, era também dele. Vou retificar, o prédio era do Estado e o senhor Vilanculos ou Vilagrande era apenas mais um inquilino do prédio. Mas afinal de quem era a pereira que o senhor Vilanculos decidiu cortar?

Nós acreditávamos que a pereira também era nossa. As peras, a sombra e toda a árvore. A árvore que mesmo sem peras era lugar para as nossas brincadeiras. Por isso, acreditávamos que a pereira era dos miúdos da zona. Simplesmente estava no quintal do prédio onde o senhor Vilanculos morava. Se eu escrever senhor Vilagrande estarei a referir-me a mesma pessoa.

Talvez a nossa presença na pereira incomodasse o senhor Vilagrande. Quem subisse a pereira podia ver, pela janela, o que se passava em parte da casa do senhor Vilagrande. Já lhe vimos a comer xima amarela com repolho nuns dias e repolho com xima amarela noutros dias. Sabíamos que o senhor Vilanculos gostava de comer sem camisa. Já lhe vimos a bater a filha com um cinto vermelho. Sabíamos disso por causa da pereira. Talvez ele pensasse que sabíamos mais sobre o que se passava na casa dele. Mas juro que da pereira não sabíamos o que se passava nos quartos da casa do senhor Vilanculos. Mas talvez o senhor Vilanculos pensasse, que da pereira podíamos ver mais do que só a sua sala de jantar. Talvez por isso um dia, o senhor Vilanculos despiu-se da balalaica, pegou num serrote e cortou a pereira. Foi muito cedo. Antes do sol acordar. Quando o sol acordou ficamos a saber que a pereira já tinha sido cortada. A nossa pereira.

Até hoje não sei de quem partiu a ideia da manifestação. Sei que nos juntamos num dia debaixo de uma das janelas da casa do senhor Vilagrande. Era hora do almoço. Adivinhamos que ele estivesse a comer xima amarela com repolho ou repolho com xima amarela. E sem camisa. Uns com latas e paus e outros com gritaria. E todos com vontade de reivindicar a sua pereira.

² Escritor e Jornalista.

- Quem mandou cortar a pereira, senhor Vilanculos?

O grito ouviu-se pelo quarteirão todo. Por duas horas. Ouvi dizer que o senhor Vilagrande engasgou na xima que tinha repolho. Outros vizinhos abriram as janelas para entender o que se passava. Há quem tenha visto alguns vizinhos a baterem palmas.

Vestido de balalaica, senhor Vilanculos, desceu e gritou:

- A pereira era minha, cortei e depois?

Uma pedra passou perto da sua cabeça. Ele saiu, correu. Não sabíamos que o senhor Vilagrande pudesse correr. Ele era gordo. Correu como os atletas que aos sábados víamos a correr no Parque dos Continuadores. Foi a primeira vez que vimos um senhor de balalaica a correr. A fugir.

No dia seguinte, alguns de nós fomos chamados a Esquadra da Polícia. O senhor Vilanculos tinha metido uma queixa.

O Comandante perguntou ao senhor Vilagrande:

- O senhor é socialista?

- Sim sou. Respondeu o senhor Vilanculos enquanto tirava o seu cartão de membro do partido. Só havia um partido. O partido Frelimo.

- Então, no socialismo uma árvore de fruta no quintal do prédio de quem é?

- Os miúdos subiam na pereira e incomodavam-me

- Informou as estruturas do bairro que ia cortar a árvore?

O senhor Vilanculos transpirava. O comandante da esquadra mandou-nos embora e disse-lhe:

- O senhor fica tem problemas sérios

Ninguém sabe o que se passou com o senhor Vilanculos, depois que saímos da esquadra. Mas sabemos que na semana seguinte, o senhor Vilanculos mudou de casa. Mudou-se para outro bairro. Para um prédio sem árvores de fruta. Ainda ouvimos dizer que sempre que visse uma pereira, batia num dos filhos. Com o cinto vermelho.

GLOSSÁRIO:

Nas línguas bantu de matriz Tsonga, grande diz nculo. Daí Vilanculos, ser chamado no texto também Vilagrande, mas claro numa tradução mais em jeito de gozo.

Balalaica- um conjunto formado por calças e camisa da mesa côr, que políticos e funcionários públicos em Moçambique vestiam no período a seguir a Independência Nacional.

Parque dos Continuadores- Parque na cidade de Maputo onde se realizam provas de Atletismo. O nome foi mudado para, “Parque Lurdes Mutola” em homenagem a campeã olímpica moçambicana, Maria de Lurdes Mutola.

Xima- massa de feita de farinha de milho que faz parte da culinária moçambica. Nos anos 80 do século XX Moçambique passou por uma severa fome em que o prato mais comum era xima amarela e molho de repolho. A farinha amarela era um donativo internacional por causa da situação de fome. O normal é a xima ser feita com farinha de milho branca.

RETECENDO VIVÊNCIAS: O ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS COMO ESPAÇO DE (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Ametista de Pinho Nogueira Silva³

O ensino de literaturas africanas e afrodiáspóricas é uma importante estratégia pedagógica tanto para o fortalecimento da cultura negra/preta, quanto para a formação e legitimação de uma identidade étnico-racial ressignificada. Entrar em contato com a produção literária de escritoras/es negras/os, constitui-se assim, para uma grande parcela de alunos e alunas da escola pública, uma possibilidade de autorreconhecimento e afirmação identitária.

Apesar de ainda haver uma série de lacunas a serem preenchidas na prática, a existência das leis 10.639/03 e 11.645/2008, que estabelecem e regulamentam o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, tem se mostrado um dispositivo institucional capaz de *tensionar* relações étnico-raciais historicamente pautadas em uma narrativa única. Uma vez que a narrativa hegemônica passa a ser questionada, novos caminhos de compreensão se abrem, e com eles, a possibilidade de ressignificarmos, reescrevermos as nossas “histórias oficiais”, em detrimento daquela única, construída a partir da visão de mundo particular do homem branco europeu.

Ter professoras e professores conscientes da importância disso e que se engajem na luta por uma educação antirracista, é fundamental para a ressignificação identitária de milhares de alunas e aluno, que têm suas vivências atravessadas pelo racismo e outras formas de violência. Nesse ínterim, a professora Luana Tolentino nos diz que “a adoção de práticas de ensino antirracistas é condição necessária para o estabelecimento de uma educação democráticas, pautada pela igualdade de oportunidades e pelo respeito à diversidade existente dentro e fora da escola” (TOLENTINO, 2018).

E como o ensino de literatura pode contribuir para o fortalecimento de uma educação antirracista? De que modo a leitura e discussão de textos de autoria de escritores/as negras africanos/as ou afrodescendentes pode reter narrativas e apontar para a possibilidade novas vivências? Por certo que as vivências de nossos alunos não se restringem à escola. O dia a dia, a convivência com a história real que se desenha, que se tece desde o amanhecer de suas vidas em suas peles, em seus olhos mirando o mundo, diz

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE)

muito sobre o aprendizado de si que precede os muros da sala de aula. É importante que a escola seja um espaço em que essas experiências sejam ouvidas, acolhidas, ampliadas, compreendidas, compartilhadas a partir da construção de novos paradigmas.

Nesse ponto, destaco a importância do ensino de literaturas africanas e afrodiáspóricas como ambiente para o desenvolvimento de um pensamento crítico, de novas compreensões sobre a vida, uma vez que no fazer literário africano e afrodiáspórico se tem a congregação de vários saberes e experiências, a partir de um lugar social ressignificado pela palavra. Se a manipulação da linguagem é um dos mecanismos mais efetivos de manutenção de situações de opressão, é a literatura também, e em contrapartida, um lugar de subversão, de tensionamento de relações de submissão e de ressignificação de identidades.

Segundo Gersiney Santos, pesquisador dos estudos críticos da linguagem, “resistir (e reexistir) por meio de textos pode ser entendido como um processo potencial inerente a todo e qualquer indivíduo socialmente oprimido” (SANTOS, 2019, 122). Nesse sentido, o estudo de literaturas africanas e afrodiáspóricas na escola, as rodas de leitura livre, as reconstruções discursivas da história negada, não só possibilitam o compartilhamento de experiências comuns de reexistência, mas ainda fomentam o senso de pertencimento identitário em nossos/as alunos e alunas em suas vivências complexas.

É importante que se diga ainda que o ensino de literaturas africanas e afrodiáspóricas possibilita a reflexão sobre temáticas diversas, tecidas na complexidade da vida para além da escola. Tatiana Nascimento, escritora negra brasileira, nos diz em um ensaio ao qual intitula “rumos” que o racismo tem tentado “nos roubar o direito à existência plena complexa, diversa. Mas somos seres complexos. Não só máquinas de resistência e denúncia” (NASCIMENTO, 2019, p.18). É então a literatura esse lugar de contestação, mas também de construção de afetos, de denúncia, mas também de acolhimento de subjetividades e ressignificação de vivências. E é o contato de nossos/as alunos e alunas com toda a riqueza que emerge dessa potência discursiva africana e afrodiáspórica, uma possibilidade de tecer novos fios na sua própria compreensão de si e do mundo.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Gersiney. Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica. In RESENDE, Viviane Melo (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 117-144.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo literário**. n-1 edições. 2019.

“A MULHER DE PÉS DESCALÇOS” QUE HABITA EM NÓS

Eliane da Silva⁴



Escritora Scholastique Mukasonga.

Interessante a forma como a vida nos conecta com uma história que nunca nos foi contada, da maneira que merecia ter sido abordada. Até a recepção das delineaes escritas, torneadas por memórias longas, da escritora Scholastique Mukasonga em “A Mulher de pés descalços” (2017) pouco se fazia saber, com tanta maestria, sobre Ruanda, em África, mais precisamente quando a personagem principal trata-se de uma mulher em especial, Stefania, a mãe da autora.

Mergulhar na imensidão dos caminhos percorridos pelas ruandesas desta narrativa faz, sem muito esforço, lembrarmos das histórias de muitas outras mulheres, negras, que estão espalhadas em cada canto do Brasil e do mundo. Descalças, pois, como Mama África, se descobrem do mínimo para cobrirem os filhos com mantas de proteção contra os perigos dos genocídios, psicológicos e físicos, que ainda se mostram atualizados.

As informações que se recebia sobre países africanos, principalmente aqueles que, por motivos muitas vezes capitalistas se fizeram cenas de filmes e renderam longos

⁴ Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa/Inglesa) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2004). Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2009). Doutoranda em Literatura Comparada – UFF (2020). Pesquisadora vinculada ao CEPEGRE/UEMS.

documentários a fim de enriquecimentos por meio de tragédias plantadas. Desmerecendo uma multidão, as lentes europeizantes mostram a barbárie, em que “salvadores” se revelam brancos e bem calçados, e que se acostumaram a não jogar luz à figura da família negra, liderada por uma mulher, de pés descalços, porém repleta de vestimentas que não se limitavam ao simples viver, que rodeavam toda uma aura de um ser-mãe negra que só podia denotar divindade, por tamanha potência ao proteger seus filhos de fratricídios assoprados pelo colonizador – tutsi e hutu não nasceram se odiando.

Neste sentido, observar negros matando e massacrando os seus semelhantes, com base em teorias racistas de brancos, cuja questão da dor do outro se mostra pelas telas cinematográficas ou em livros cujos autores contavam de uma história única trazida por eles mesmos, nunca foi assim tão fácil de ser digerido. Mas que foi semeada assim, tortamente, por longos anos. Histórias e reflexões surgiam sobre aquele país que é geograficamente distante do Brasil, mas parte desta diáspora negra que se conecta ancestralmente.

O romance da escritora ruandesa nos apresenta, como base nas narrativas memorialísticas, a vivência de sua família, tutsi, em Ruanda. Desde a infância até a fase adulta, as histórias sobre a vida de Stefania, mãe de Mukasonga, são presentificadas e trazidas cheias de realidades que faz do leitor um participante nato, que conhece cada vez mais, aos pouquinhos, sobre um povo que é a significação da negritude.

A obra caminha para trazer a imagem, as memórias daquela mãe que pode tanto representar Ruanda, como as mães pretas que herdaram, infelizmente, as agruras da escravidão e de guerras civis abraçadas pelos países aos quais estavam. A mãe, que fez um pedido objetivo às filhas, que estas a cobrissem quando morresse, porque as tragédias estavam sempre rondando aquele povo, mesmo num estado de exílio em busca de melhores condições de vida.

A guerra civil de Ruanda, que ocorreu em 1994, matou mais de 800 mil pessoas em quatro meses de duração. Não à toa, as personagens da narrativa estavam em constantes medos de serem atacadas, ora enquanto dormiam ou no momento do plantio e colheita do sorgo, um dos cereais mais importantes do mundo, conhecido no Brasil como milho-zaburro. Talvez muitos passem a pesquisar sobre a planta somente após a leitura da obra de Scholastique, posto que a mesma é mencionada com tanto amor, como aquela que alimenta e mantém aquecidos o corpo e a alma. A mãe, dona do enredo todo, está sempre em contato com o sorgo, que fortifica diariamente a saga familiar ruandesa.

Do sorgo se aproveitava tudo, inclusive a oportunidade para se encontrar com as pessoas próximas. Os encontros que se faziam, a feitura dos *inzus*, espaços indicativos de cultura e ancestralidade, construídos por meio dos esforços próprios de cada usuário, e a vida daquela família típica ruandesa, cuja maior fonte de toda ternura e atenção era advinda da mãe, Stefania, que figura na casa, na plantação, no cuidado e escuta dos filhos

uma vontade de viver independente das ciladas que colocaram nos caminhos dos africanos.

Stefania, descalça de poderes que pudessem acabar com aqueles genocídios de povos irmãos, sempre buscou a liberdade para si e para a vizinhança. Ela observava e fazia parte de pequenos detalhes nas situações diárias, olhava e planejava caminhos para possíveis fugas caso os assassinos chegassem em sua casa ao esconder do sol. Reunia outras mulheres nos domingos de descanso, embaixo das grandes árvores e sombras africanas, momento de cuidados mútuos, de risos, lembranças e direcionamento de casais. O dia da retirada de piolhos do cabelo das meninas era algo também cheio de estratégias, um momento de encontro e de trocas entre mulheres de todas as idades.

Stefania apresentava também o fino olhar para as benesses vindas do homem branco, missionário, que, na ótica daquela mulher tão sábia, cuja testemunha era a filha Mukasonga, estes quase sempre vinham com uma intenção outra para rasteirar os africanos.

Esta família ruandesa mostrava sua rotina que, captadas pela lente de uma autora feminina, trouxe para a narrativa a importância e viveres que se faziam diante do prato principal dos dias festivos e comuns, o sorgo, em que as crianças se alegravam com uma parte deliciosa daquele rico cereal em determinado momento da plantação.

Alimento que, embora repetitivo na maioria das vezes, se mostrava saboroso e digno de cada vez mais encontros e celebrações pela vida, mesmo que a personagem principal usasse o quintal, espaço tão dela, sentada em cima de um morrote, e acolhida pela sombra de um pé de café.

Entre os trabalhos braçais em busca do alimento para a família, o contexto do “cobrimento do corpo” de Stefania sempre se refaz, em cada linha do romance, se espera com terror, com uma certa agonia, o que a matriarca havia solicitado no início da obra – que cobrissem o corpo dela quando a morte chegasse:

Quando eu morrer, quando vocês perceberem que eu morri, **cubram meu corpo**. Ninguém deve ver meu corpo, não se pode deixar ver o corpo de uma mãe. Vocês, que são minhas filhas, têm a obrigação de cobri-lo, cabe somente a vocês fazer isso. Ninguém pode ver o cadáver de uma mãe, pois senão ela vai perseguir vocês que são as filhas... ela vai atormentá-las até o dia em que a morte leve vocês também, até o dia em que vocês vão precisar de alguém para cobrir seus corpos⁵.

Ao nos depararmos com uma frase como esta, de que “Não se pode deixar ver o corpo de uma mãe” – se acende uma lembrança dos tantos corpos que as mães pretas já tiveram que ver, reconhecer, as dores advindas das desgraças de seus mortos, que

⁵ MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 5.

diariamente se amontoam, sejam dentro de suas casas, no entorno dela, de balas de revólver do Estado ou de “mata-leão” meramente calculado por homens fardados pelas grandes corporações.

Pés descalços, femininos, daqui, como as de Ruanda, se conectam quando trazemos os muitos caminhos espinhosos que cada mulher negra precisa percorrer para alavancar suas famílias de todas as formas viáveis e possíveis. Em que buscam ser escudo para as suas filhas e filhos, mas se desnudam diante da falta de proteção de uma sociedade que se mostra hostil, enturvecendo o bem viver de gente negra.

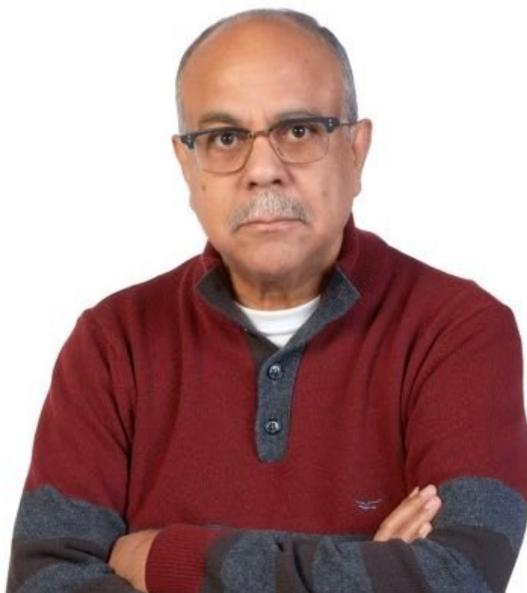
Enredos de violências várias que Carolina Maria de Jesus, sob o enfoque da menina Bitita, bem marcou as violências sofridas por pessoas negras no interior de Minas Gerais. São estas escrevivências, termo majestosamente usado por Conceição Evaristo, que nos fazem solitárias com as palavras, ao propormos reparações diante de massacres diários.

Assim, conforme mencionou a ruandesa Mukasonga “E estou sozinha com minhas pobres palavras e com minhas frases, na página do caderno, tecendo e retecendo a mortalha do seu corpo ausente⁶” – buscamos encontrar formas para pelo menos adornar os pés de nossas mulheres, a fim de que não encarem mais suas jornadas sozinhas – mas que se cubram de uma humanidade que desde o nascimento já pertence a cada uma delas.

⁶ Idem, p. 6-7.

DOSSIÊ LITERÁRIO: ESPECULAÇÕES EM TORNO DA LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E EROTISMO

Elisabete Nascimento⁷



Escritor João Melo. Foto: Divulgação.

Convidada a escrever um dossiê sobre a entrevista que realizei com o escritor angolano João Melo, fiquei muito honrada, mas ao mesmo tempo, considerei um enorme desafio. Um dossiê requer um arquivo detalhado e à altura das ricas referências das obras do autor. Então, como escritora, fui compelida a trilhar as veredas literárias. Vozes da ancestralidade deram-me asas à imaginação. A prosa literária, realizada no dia Internacional da Língua Portuguesa, acionou minha memória afetiva e o desejo de escrever um Dossiê Literário. Busquei esgarçar /tensionar as fronteiras entre “a Última Flor do Lácio”, a(s) Poética(s) de João Melo e o erotismo, tema recorrente em suas produções e no poema que segue, abaixo, em homenagem aos falantes da Língua Portuguesa.

Inquietações me ocorreram sobre as tradições, contradições, perspectivas e novas formulações sobre a Língua Portuguesa: Podemos compreender o erotismo como

⁷ Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ) e escritora.

matriz de transformação/libertação/emancipação de subjetivação daqueles foram “subalternizados” pela “Última flor do Lácio”? É possível compartilhar imaginários tão diferentes por meio da Língua Portuguesa que guarda a história de colonização? Talvez os poemas a seguir sejam a metáfora da Língua Portuguesa, como “Um troféu de guerra”, expressão de Luandino Vieira, que permita, de fato, o compartilhamento de imaginários tão complexos e distintos.

Estas interpelações problematizam minhas considerações, memórias e comemoração, mas antes, quero homenagear a todas as subjetividades da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa/CPLP, com um poema. Peço, no entanto, licença à ancestralidade e aos povos que se expressam em Língua Portuguesa para que as nossas diferenças culturais não sejam motivo de constrangimentos, pois trata-se de um poema erótico que busca nossa autodeterminação por meio de amorosidades entres os falantes da Língua Portuguesa.

Tributo aos falantes da Língua Portuguesa

Eu te convido, leitor, a roçar minha língua, eu que não sou o teu igual.
 A gozar em um só beijo como um novo devir,
 Entre as mais de duzentas e cinquenta milhões de formas de gozar na Língua Portuguesa.
 E também a interpelar a Lusofonia somente como Musa de um corpo alvo,
 Cujá herança pode bem ser um germe perigoso, entorpecido, escondido -
 Um citomegalovírus adormecido sobre os corpos que amordaçou com máscaras de flandres
 Esteja atento leitor,
 Para que teu acervo viciado de certezas e primazias
 Não julgue e sentencie a minha fome de Erotismo.
 Eu te convido:
 Vem roçar a Língua Portuguesa de tantos Espaços e Paradoxos
 Aporias, Metáforas, Alegorias e Crioulidades!
 Não permita que nossas diferenças sejam barreiras do pudor.
 Já que não há fronteiras assim tão rígidas...
 Há de haver conexão e plasticidade como na dança de Niketche, de Chiziane

Eu roço a língua na língua de Camões, certamente a última flor do Lácio,
 Já que há uma variedade infinita de flores e rosas de tons e aromas aprazíveis ao meu olhar,
 Olfato e escuta que libertam o próprio colonizador em seu delírio de autoridade,
 Escravizado à ideia falaciosa de que controla nosso gozo insubordinado feminino,
 No Jardim da Poesia mundo à fora.

Tudo é imprevisível. Não há centros, há epicentros vazando abalos sísmicos das
 moçambicanidades,
 Gozando em Emakwa e Elomwê,
 Para que, de fato, nenhum administrador mate corpos de meninas Sohura,
 Como na voz de Lília Monplé em seu conto...
 Tudo é movediço, não há centros, há epicentros, vazando os caboverdianos sentidos.

Eu também roço minha língua, na língua de Dina Salústio, porque mornas eram as noites.
 No Arquipélago da Paixão, eu roço a língua de Verinha Duarte.
 Eu roço a minha língua na língua de Carolina Maria, em seu Quarto de despejo.
 Ela empreteceu ainda mais o meu ser.
 Tudo é passadiço, não há centros, há epicentros, vazando as angolidades dos sentidos,
 gozando em Chokwê. Eu roço a língua de João Melo.

Eu roço minha língua na língua de Ana Paula Tavares
E me desfaço do falo autoritário para que ele não mais seja o feitor
de minha fala, dos meus poemas.
E para que ele não escravize o próprio algoz à senda da masculinidade ao patriarcado.
Eu roço minha língua na língua de Odete Semedo,
Sem pudor ou medo
De encontrar níveis de substrato
Deste imaginário que imagino

Eu roço a língua de Alda do Espírito Santo,
Uma das vozes do Coral das Ilhas.
Tudo é derradeiro, não há um só sentido das insularidades de São Tomé e das Guinés, o
crioulo, o forro.
Há plasticidade de sentidos, gozo ininterrupto em línguas esvoaçantes.
E pra não dizer que não amo os homens,
Eu roço minha língua na língua de Juan Lourel.
Eu roço a língua na língua de Ruy Cinatti, no Timor sem temor.
Tudo é passageiro, não há periferias, há epicentros vazando o gozo em tétum timorense.

Que nome terá isso? Essas vazantes.... Marés de Sizígia?
Transbordo o gozo e convido você, leitor ou leitora, a gozar vertiginosas veredas das
poliglossias,
Numa mesma Língua Portuguesa, que já não é mais a mesma...
Sem hegemonias, sem patologia!
As poéticas do deleite e regozijo deságuam pelo ar e no mar.
E quanto do teu sal
São poéticas de poliglossia abissal.
Afinal, o que seria e ti, Língua Portuguesa, sem teus amantes? Teus falantes?
Língua morta. Língua extinta.
Hoje, eu os convido a roçar a língua de João Melo.

Este nos convida a um diálogo entre os vários escritores nele mencionados/invocados que se expressam em Português, língua que tornou possível o encontro e a partilha de imaginários que viveram a experiência da colonização/colonialidade, promovendo uma espécie de plasticidade psíquica e literária entre seus falantes. É por meio dessa mesma língua que as territorialidades, subjetividades são reencenadas num processo de autorreferenciação fazendo ruir e/ou problematizar a Língua Portuguesa para muito além de instrumento de coerção, libertando-a das ingerências, transformando-a numa língua “insularizada” e “crioulizada”.

João Melo, em uma entrevista à Carmem Tindó/UFRJ/ na Revista Diadorim,, em 2011, afirma: “ A poesia é para mim, uma forma de sobrevivência uma maneira de adiar a inevitável degradação do tempo, dos corpos e das relações.” A Literatura, em sentido lato, é uma forma de sobrevivência, uma maneira de adiar a “inevitável” degradação do tempo promovida, por exemplo, pela memória da plantação, como formulado por Grada Kilomba, como memória do sistema de escravização, de roedura do continente africano e as coerções deles decorrentes. Os versos de João Melo ressaltam o protagonismo dos homens sofridos como uma forma de sobrevivência, uma maneira de adiar a inevitável degradação do tempo. Trata-se do esforço dos escravizados, que

libertam da escravização a língua do opressor. É uma transgressão singular no sentido garantir a sobrevivência dessas subjetividades.

(...)
 A libertação da língua portuguesa
 foi gerada nos porões
 dos navios negreiros
 pelos homens sofridos que,
 estranhamente,
 nunca deixaram de cantar,
 em todas as línguas que conheciam
 ou criaram
 durante a tenebrosa travessia
 do mar sem fim.
 (...)

Já o poema *Tributo aos falantes da Língua Portuguesa* o chamamento a uma pulsão erótica ao expressar o desejo de roçar a língua em cada escritor/a dos países que compõem a Comunidade de Países de Língua Portuguesa/CPLP. “Transbordo o gozo e convido você, leitor ou leitora, a gozar vertiginosas veredas das poliglossias, numa mesma Língua Portuguesa, que já não é mais a mesma... Sem hegemonias, sem patologia!” Evocam-se as oralidades; problematizam-se os tabus e preconceitos, mas também as possibilidades de afirmar a alegria do encontro possível pela Literatura: sobrevivência, coito, criação, transformação, erotismo, gozo e ruptura com os estigmas e os tabus. Aliás, o grande desafio é gozar em Língua Portuguesa com os mais de duzentos e cinquenta milhões de falantes, sem os quais, como apontam os versos, a Português seria apenas uma língua de dominação e/ou língua morta e/ou extinta. Reitera-se que o grande desafio é problematizar Literatura e erotismo como instrumento de gozo e emancipação sem supremacias, mas como garantidores de Direitos Humanos e como matriz de transformação.

Para o escritor Hampatê Ba

“Os elementos da forja são associados ao simbolismo sexual, que é expressão ou reflexo de um processo cósmico de criação. Assim os dois foles redondos, acionados pelo ajudante de ferreiro, se assemelham aos testículos do homem. O ar que deles escapa é a substância de vida, transmitida, através de uma espécie de tubo que representa o falo, ao forno da ferraria, que representa a matriz onde atua o fogo transformador.” (Hampatê Bâ, 193: p.18)

Compreendo, igualmente, o simbolismo sexual da forja como a expressão da escrita, em especial, da escrita literária, uma tecnologia, um dispositivo de gozo e de preservação da memória, dos bens materiais e imateriais, “matriz onde atua o fogo transformador.” A força vital dos corpos subalternizados, o teor erótico, foi submetido às ingerências do processo civilizatório que regulou corpos femininos desde tempos imemoriais com as origens do patriarcado e, fundamentalmente, para com corpos negros cuja força erótica, reitera-se, foi escravizada. Corpos africanos negros, políglotas submetidos à inferiorização, à animalização, à escravização, e submetidos à Língua

Portuguesa. Estes mesmos corpos erotizaram-na com suas subjetividades, oralidades, éticas, religiosidades e paradoxos. Neste aspecto, os dois poemas nos apresentam a Língua Portuguesa não como uma entidade hegemônica e homogênea, mas como língua de gozo e de libertação-resultado/processo do protagonismo dos subalternizados.

(...)
 Nós libertámos a língua portuguesa
 das amarras da opressão.
 Por isso, hoje,
 podemos falar todos
 uns com os outros,
 nessa nova língua
 aberta, ensolarada e sem pecado
 (...)

Laura Padilha nos possibilita especular o erotismo, em sentido macro e numa esfera pública, ao afirmar a importância do tema na poética João Melo, pois para a pesquisadora:

“João Melo abre uma clareira erótica, desvelando uma face pouco explorada na literatura angolana de hoje. Depois desse mergulho, o eu lírico reassume-se como sujeito histórico determinado, redimensionando o seu próprio conceito de nação.” (PADILHA, ?, p.1)

Dessa forma, é possível problematizar o corpo erótico da nação como matéria ficcional, mas também como constituído de subjetividades e dos atos de ficcionalização do erotismo, do erotismo das subjetividades tão complexas da nação angolana, que se expressa em língua portuguesa. Uma das possibilidades de interpretação do poema abaixo é a interpelação do corpo virgem das páginas literárias e das páginas da nação irrompendo-se uma clareira erótica de que fala Laura Padilha, a matriz onde atua o fogo transformador de que fala Hampatê Ba e ainda no roçar das línguas como indicado pelo poema que abre este dossiê.

Era de noite e chegaste
 Então atravessaste as paredes da casa
 Com a tua figura de carne vaporosa
 E te acomodaste tranquilamente entre meus joelhos
 Quando entraste um sismo sacudiu o chão
 Um eco fundo de ventos agitou as cortinas
 E os teus olhos de água cegaram minhas órbitas
 Era de noite e eu insistia secretamente
 Em plantar sílabas na página em branco
 Como o meu lento coração
 Se um galo só não tece a madrugada
 Basta um grilo medonho
 Para tornar terríveis as noites solitárias
 Os meus dedos são feitos de gelo e distância
 Revolvem-se na cama angústias nada ambíguas
 E a minha poesia gira em torno de impasses
 Mas vieste: posso tocar a tua aura
 Aprender no voo as ondas da tua VOZ
 Misturar os dedos na tua pele adocicada e escura

Sinto a tua lembrança subir pelas minhas fibras adormecidas
Como uma faca meticulosa um perfume sub-reptício
Até atingir o âmago do sangue.

Considera-se este poema um corpo, explosão erótica, ficcionalizando-se um encontro erótico como devir, com ou sem amor, com ou sem violência e/ou transgressão, por meio da leitura. Neste inextrincável relacionamento repleto de tensões e de desejos inconfessos, alguns, dá-se ensejo a seguinte interpelação: é possível roçar língua na língua de tantas poéticas eróticas? A existência do poeta e do leitor está irremediavelmente relacionada à existência imperiosa do poema, tal como compreende Otávio Paz, para quem “Leitor e poeta se criam ao criar o poema, que só existe por eles e para que eles verdadeiramente existam”⁸. O verso propõe: “Eu te convido, leitor, a roçar minha língua...” O que tu me dirás leitor? Imagino que o roçar as línguas de que fala o poema inicial e os demais poemas de João Melo tratam de uma erótica que vai muito além do sentido consagrado das relações erógenas. Propõem-se interpelar sobre não somente a produção dos textos, mas também as amorosidades possíveis no ato da leitura em contextos tão marcados pela precariedade quanto ao acesso ao livro e às políticas de formação do leitor. Como promover o erotismo entre escritor e leitor por meio da leitura, em face aos constrangimentos relativos à crise de leitura, inclusive entre os falantes da CPLP? O Brasil tem um grave problema de analfabetismo funcional e em Angola, por exemplo, a expectativa de escolaridade é de 11,8 anos e a média de escolaridade não chega a 6 anos. Mas esta dimensão erótica do literário já nos indica novas reflexões sobre Literatura, Leitura e Erotismo. O poema final, escrito do entrelaçamento das línguas Portuguesa e Kimbundo nos incita a pensar:

A Literatura é jinzo jietu, nossas casas
Em minha Poesia eu posso
Kuala ni, ter
Kubonga apanhar
Kuia e Kuiza Ir e vir
Kudia Comer
Kukalakala trabalhar
Eu posso Kuzola, amar
Eu posso ser, Kuala
Assim, estamos juntos
Tuoloietu.
Construindo novos mundos

Quem sabe, você leitor, possa ampliar ainda mais este Dossiê Literário, uma vez que a língua é viva, conecta povos, culturas, corpos, desejos, tradições e seus falantes transformam a “Última Flor do Lácio” em uma língua plurissemiológica, uma língua de

⁸ Ver João Melo e a poética da violência: breve análise da obra Autorretrato. <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/43128> Acesso em 30/05/21

plasticidade dos imaginários que se comunicam e se interconectam construindo novos mundos de forma que a humanidade e os Direitos Humanos não sejam hierarquizados.

REFERÊNCIAS

- HAMPATÉ BÂ, Amadou. Palavra africana. **Correio da UNESCO**, ano 21. n.11, nov. 1993. p.16–26. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-34930/figuracoes-de-eros-em-poemas-e-contos-de-joao-melo>. Acessado em maio de 2021.
- GESTEIRA, Sérgio Martagão, SECCO, Carmen Lucia Tindó e SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Entrevista João Melo (Angola). **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 11, Julho 2012. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]
- MELO, João. Crônica verdadeira da língua portuguesa. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/cronica-verdadeira-da-lingua-portuguesa/4104>>. Acesso em 03-06-2021
- PEREIRA, Michelly. **Figurações de Eros em poemas e contos de João Melo**. Dissertação de Mestrado. Melo Horizonte: PUC/MG, 2007.
- João Melo e a poética da violência: breve análise da obra Autorretrato. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/43128> Acesso em 30/05/21

ONDJAKI E ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL ANGOLANA

Alessandra Gomes da Silva⁹

Vos agradeço, vos abraço: em criança como agora, eu andava em busca das vossas histórias para fingir e acreditar que os livros sempre inventam essa fogueira de sermos meninos à volta dela”

(Ondjaki, 2012, s .p.).



Para esta comunicação, pensamos em propor um breve passeio pela literatura infanto-juvenil angolana. Para tanto, partiremos de duas obras do escritor angolano Ondjaki: “A bicicleta que tinha bigodes” (2012) e “Ombela” (2015). Com isso, pretendemos esboçar algumas notas sobre a possibilidade de inclusão das literaturas africanas de língua portuguesa, tendo como exemplo o escritor escolhido, como forma de aproximar os jovens leitores ainda em formação das culturas africanas, sobretudo, pensando em contexto escolar.

Isso porque temos como desafio ampliar o fomento proporcionado pela Lei Federal 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e cultura afro-brasileiras na Educação Básica e a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Sabemos que uma legislação favorável colabora para a implementação de práticas mais abrangentes que possam diversificar o trabalho proposto

⁹ Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC – Rio) e docente do INES. -

pelas escolas, ainda que careçamos de políticas públicas mais efetivas para esse fim. Nesse sentido, esperamos que a divulgação desses autores e das obras citadas possa facilitar a chegada desses textos em escolas de Educação Básica, em diferentes disciplinas.

Ndalu de Almeida é o nome de Ondjaki e a epígrafe que inicia nosso texto se refere ao livro “A bicicleta que tinha bigodes” (2012). No livro, encontramos vários elementos de intertextualidade com diferentes obras que tiveram grande importância para a formação da literatura em Angola, sobretudo no pós-independência, e para o próprio Ondjaki. Nesse sentido, o primeiro agradecimento explícito nessa passagem é ao autor Manuel Rui, fundamental para o surgimento e a consolidação de uma literatura infanto-juvenil na recém-independente Angola. O livro traz um narrador personagem criança que se encanta com a possibilidade de ganhar uma bicicleta em um concurso de textos. O problema é que o narrador não consegue ter uma ideia para uma boa história e tentar burlar as regras pedindo a ajuda de um escritor famoso, o “tio Rui”, que vive na mesma rua. Nessas peripécias, conhecemos a Isaura, colega do nosso narrador, que tem um amor desmedido pelos animais, chegando a nomeá-los com homenagens a personalidades famosas. Isaura, de acordo com o próprio Ondjaki, é uma alusão à personagem do livro de contos “Nós matamos o cão tihoso!” (1964), uma importante obra moçambicana, decisiva para a literatura de lá. Por fim, ainda num foco voltado à construção dos personagens, temos a AvóDezanove e o seu hábito de regar as flores ainda que não tivesse água na casa, pois, como ela diz mesma diz ao neto, “elas entendem” (ONDJAKI, 2012, p.67).

Já no livro “Ombela” (2015), há uma recuperação poética das tradições de narrativas orais, também aquelas que os antigos contavam como já enfatizou o autor na primeira obra. Ombela é a denominação de chuva, na língua Umbundu, mesma língua utilizada pelo autor para a escolha de seu pseudônimo, que seria desde “guerreiro traquinas” até “aquele que enfrenta desafios¹⁰”. Nessa obra, mesclam-se a narrativa mitológica da origem da chuva com as belas ilustrações que transbordam de uma página a outra do livro. Assim, a jovem Ombela aprende que a partir de suas lágrimas podem nascer os mares e rios. Se o choro é de tristeza, a água é salgada, se, por outro lado, o choro é de alegria, logo as lágrimas produzirão água doce. O texto finaliza afirmando que há muitas Ombelas por aí e que todas fariam igualmente chover, aproximando as divindades de jovens comuns.

¹⁰ Disponível em “Ondjaki – memórias e contrastes”. Em:

<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/ondjaki.html#:~:text=%20Ondjaki%20seu%20nome%20liter%C3%A1rio%20E2%80%9C%C3%A9,%E2%80%9Caquele%20que%20enfrenta%20desafios%E2%80%9D>. Acessado em: 19/04/2021

Por fim, enfatizamos que a valorização das tradições orais angolanas, bem como o reconhecimento mesmo de elementos culturais de determinados grupos étnicos possibilitam uma multiplicidade de olhares sobre a África, nesse caso, a partir de Angola, desconstruindo estereótipos ainda comuns em nosso país. Assim, gostaríamos de contribuir para uma formação mais diversificada, colaborando na construção de práticas de leitura mais democráticas, produtivas e criativas para o desenvolvimento de nossos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

ONDJAKI. **A Bicicleta que Tinha Bigodes**: estórias sem luz elétrica. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ONDJAKI. **Ombela, a origem das chuvas**. Rio de Janeiro: Palas Míni, 2014.

DIMENSÕES ENSINÁVEIS E CONFIGURAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM *O REGRESSO DO MORTO*, DE SULEIMAN CASSAMO

Sarah Maria Forte Diogo¹¹



Escritor Suleiman Cassamo. Foto: Divulgação.

Resumo: Este artigo tem por objetivo examinar três das dez narrativas curtas que integram a obra *O regresso do morto* – contos –, do escritor africano Suleiman Cassamo. Pretende-se analisar como os textos “O regresso do morto”, “Nglina, tu vai morrer” e “Laurinda, tu vai mbunhar” representam criticamente violências sofridas ou exercidas pelos personagens, assim como demonstram formas de sobrevivência a redes de opressão. Além disso, pretendemos refletir sobre potencialidades epistemológicas existentes nos textos em tela. Para tanto, procederemos à contextualização dos contos, do autor, sua linguagem e sua importância para as literaturas africanas em língua portuguesa. Como fundamentação, utilizamos teóricos que investigam o fenômeno da violência, a exemplo de Odália (1983) e Misse (1999), e dialogamos com Leite (2012), sobre escritas pós-coloniais.

Palavras-chave: literatura moçambicana, Suleiman Cassano, *O regresso do morto*, violência.

¹¹ Doutora em Letras- Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais

O regresso do morto (1989) é uma coletânea de dez contos do escritor moçambicano Suleiman Cassamo. Por meio da literatura, é possível entrar em contato com outros contextos e imaginários, diversos dos nossos, e também nos apropriarmos de outras visões de mundo a respeito, por exemplo, de grupos populacionais considerados marginais. De posse desses saberes, podemos estabelecer contrastes e comparações entre a nossa própria realidade, construindo dessa forma um pensamento crítico capaz de nos levar para além de nossas fronteiras.

As literaturas produzidas em África, e não exclusivamente nesse continente, nos proporcionam diversas possibilidades epistemológicas ao nos apresentarem costumes, tradições, histórias de determinados povos.

Pretende examinar as dimensões ensináveis e as violências construídas em três narrativas que integram *O regresso do morto*, a saber: “O regresso do morto”, “Nglina, tu vai morrer” e “Laurinda, tu vai mbunhar”. Analisaremos os três textos separadamente, procurando destacar como as violências são configuradas ao longo das narrativas e que podem ser analisadas como dimensões ensináveis em sala de aula, compreendidas como “conteúdos sedimentados na forma estética da obra de arte literária e que são passíveis de serem ensinados em situações pedagogicamente orientadas por um mediador de leitura” (DIOGO, 2020, p.01).

Suleiman Cassamo é moçambicano e exerce as atividades de escritor e professor. O escritor é tributário de toda uma tradição, não exclusivamente africana. Conforme observamos, Moçambique, por ser um espaço pluriétnico, plurilinguístico e multicultural procurou assimilar também a influência portuguesa e de outros locais que sofreram dominação europeia, como, por exemplo, o Brasil.

A estudiosa Ana Mafalda Leite em *Oralidades & escritas pós-coloniais* – estudos sobre literaturas africanas (2012) afirma que as literaturas africanas de língua portuguesa promovem o encontro entre escrita oralidade.

Os três contos selecionados para esta análise cartografam acontecimentos que perturbam os personagens. Acontecimentos que não são de ordem abstrata, mas sim de ordem material: necessidade de emprego, casamento compulsório, busca por alimentos.

Em *O regresso do morto*, Suleiman Cassamo adota várias estratégias de hibridação discursiva, pois articula a língua portuguesa com a língua ronga. A obra apresenta inclusive um glossário ao final para melhor situar os leitores. Para Costa, em “*O Regresso do morto: oralidade, memória e tradição constituintes da identidade nacional*” (2008), a presença da terra percorre boa parte das narrativas, pois é um símbolo muito importante para o autor, evocando a ideia de maternidade, pertencimento, mas também conflito.

A obra selecionada apresenta dez narrativas curtas. Em função da nossa pesquisa, resolvemos selecionar três contos: “O regresso do morto”, “Nglina, tu vai

morrer” e “Laurinda, tu vai mbunhar”, para refletir acerca das violências representadas nos textos.

Antes de adentrarmos ao universo ficcional se faz importante definir o fenômeno da violência para melhor articulá-lo aos contos analisados. Para Nilo Odália, em *O que é violência* (1983), a violência como “produção” configura-se enquanto uma resposta ao meio.

Consoante Michel Misse (1999), a violência é plural e em amplo espectro. Ricardo Timm de Souza (2001) destaca que tudo aquilo que é compreendido como violência, em suas múltiplas modalidades, refere-se à negação de uma alteridade.

Em “O regresso do morto”, narrativa que abre o livro homônimo, temos este enredo: o personagem, um jovem, sai de sua comunidade para trabalhar em outro local. Informam a sua família de que ele está morto. Sete anos depois ele retorna, e sua mãe, incrédula, o reconhece. O conto denuncia as miseráveis condições de trabalho, os perigos a que vários mineiros são expostos e o sofrimento da mãe de Moisés, que acreditava que seu filho estava morto. O texto, além de denúncia, pode ser visto como retorno triunfante do “morto”. Porém, as personagens femininas de outras narrativas não têm a mesma sorte. Vejamos nas breves análises a seguir.

Em “Nglina, tu vai morrer”, a personagem Nglina tem seu cotidiano retratado por um narrador-observador. Nesse cotidiano, Nglina sofre violências da sogra e do marido, culminando sua triste história com o suicídio. No plano linguístico, o leitor tem de fazer esforço para a compreensão do que é narrado, estabelecendo relações com o contexto da narrativa a fim de entender um ou outro vocábulo, ou mesmo recorrendo ao glossário ao final do livro. No plano ideológico, disputam duas formas de ver o mundo: a língua portuguesa, herança do colonizador, que invade o texto e domina boa parte do discurso; e a língua ronga, que está presente em praticamente todas as narrativas e se impõem quando adotada pelo narrador para verbalizar os sofrimentos de Nglina.

Em “Laurinda, tu vai mbunhar”, a personagem Laurinda é focalizada numa longa e tortuosa fila para comprar pão, num triste cenário que parece ser um contexto histórico de guerra civil ou pouco após uma guerra civil. Homens e mulheres se amontoam numa fila tentando conseguir alimentos. A narrativa procura captar a subjetividade de Laurinda, mais uma na aglomeração e que finda por não conseguir o alimento. A fila é comparada a um aglomerado de bichos, caranguejos, e boa parte dos personagens é animalizado. Após uma série de sofrimentos, a personagem continua a resistir e por uma troca de olhares – o homem que entrega os pães e Nglina – ela alcança seu objetivo: conseguir o alimento.

Observamos que, além das características linguísticas empregadas em todos os contos, e que denotam a valorização da cultura ronga e de aspectos da organização social

de parte da África, as três narrativas selecionadas irmanam-se pela representação da violência

Podemos concluir que Suleiman Cassamo, ao representar a violência nos três contos selecionados, a retrata como a supressão da existência do outro, sendo esse outro apresentado em suas narrativas como majoritariamente a figura da mulher.

Concluimos que a representação que Suleiman Cassamo faz da violência funciona como uma denúncia e uma crítica à violência de gênero sofrida pelas mulheres em comunidades africanas. Todas as personagens mulheres, consoante o que notamos, sofrem violências perpetradas pelos homens ou pelo Estado, ambos representativos de um poder, de um sistema de opressão que se manifesta de várias formas: privação do contato com o filho, ausência de informações, estupro, surras, ameaças verbais e físicas. Todas essas formas são estratégias de anulação do outro, de supressão de suas subjetividades. Anuladas as subjetividades das personagens, o que surge são narrativas que tentam mostrar as injustiças que essas mulheres sofrem em sociedades machistas e como, às vezes, a solução mais desesperada, e também violenta, é a única forma de se libertar.

REFERÊNCIAS

- CASSAMO, Suleiman. **O regresso do morto**. São Paulo: Editora Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).
- COSTA, Rosilene Silva da. O Regresso do morto: oralidade, memória e tradição constituintes da identidade nacional. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. **Dossiê: literatura, oralidade e memória**. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5819>. Acesso em 10.abr.2020.
- DIOGO, SARAH MARIA FORTE. Práticas de leitura do texto literário e dimensões interdisciplinares. **Interdisciplinar**, v. 34, p. 227-244, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/14978>. Acesso em 08.abr.2020.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. 413f. Tese (Doutorado em Sociologia) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 10 mar.2020.
- ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 2 ed. São Paulo. Brasiliense, 1983.
- SALGADO, M. T. (2004). Um olhar em direção à narrativa contemporânea moçambicana. **Scripta**, 8(15), 297-308. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12587>. Acesso em 11 mar.2020.



Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 39, Ago. de 2021 – ISSN: 1983-2354
Dossiê I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas
03 a 07 de maio de 2021, Quissamã, RJ

SOUZA, Ricardo Timm de. Três teses sobre a violência - Violência e alteridade no contexto contemporâneo, algumas considerações filosóficas. In: **Civitas** – Revista de Ciências Sociais, PUCRS, ano 1, nº 2, dez/2001, p. 7-10.

OLINDA BEJA EM POESIA E PROSA

Thaíse Santana¹²



Escritora Olinda Beja. Foto: Facebook de Olinda Beja.

A literatura de São Tomé e Príncipe, dentro do panorama das literaturas africanas escritas em português, é relativamente pouco conhecida/estudada no âmbito acadêmico e escolar brasileiros, por variados motivos, dentre os quais se destacam problemas editoriais de distribuição e circulação.

Marcada por uma tradição poética, a referida literatura começa a existir, enquanto sistema literário, a partir da publicação de *Ilha de Nome Santo* (1942), do poeta Francisco José Tenreiro (1921-1966). Por outro lado, também temos representativas vozes femininas que compõem a historiografia literária são-tomense. Apesar de poucas, essas escritoras/poetas apresentam obras representativas na literatura de seu país, mais especificamente, na poesia, e foram até o momento pouco exploradas em trabalhos sólidos (dissertação e tese).

Não desconsidero a dimensão de São Tomé e Príncipe, no que tange ao pequeno número de mulheres são-tomenses que escrevem e publicam sua literatura. Contudo,

¹² Doutoranda em literaturas na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do GPAfro (UESC). Professora da rede estadual de Minas Gerais (SEE/MG). Mestra em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Escritora e semeadora de literaturas.

considerando que os homens escritores/poetas representam mais do triplo desse número, vale ressaltar a disparidade de gênero na literatura são-tomense.

Olinda Beja figura entre os nomes de autoras são-tomenses. Ela nasceu em Guadalupe, São Tomé e Príncipe, em 1946, num contexto em que as colônias portuguesas eram consideradas províncias de Ultramar. É filha de pai branco português e mãe negra são-tomense. O seu destino foi viver em Portugal, já que o seu pai, José Beja de Martins, a enviou ainda criança para a Europa. Vale ressaltar que a trajetória pessoal de Olinda Beja está atravessada por dois mundos distintos, com os quais nem sempre foi fácil lidar. Ela é licenciada em línguas e literaturas modernas pela Universidade do Porto e em literaturas africanas de língua portuguesa pela Universidade Aberta. Foi professora do ensino secundário em Portugal e de língua e culturas portuguesa e lusófonas na Suíça. Ela é membro da União Nacional de Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe – UNEAS. A autora tem uma vasta publicação literária em diferentes gêneros: romance, conto, poema. Ela também publicou obras literárias para o público infanto-juvenil. Entendo que a condição diaspórica de Olinda Beja não oblitera de si o pertencimento à sua pátria são-tomense.

É inegável a sua inscrição nos corpos literário e social são tomenses. Tendo em conta esses pressupostos, apresentarei Olinda Beja, com enfoque na sua produção literária em poesia e prosa. Apresentarei um panorama da sua vasta publicação. Apontarei as principais características das suas obras, evidenciando as estratégias literárias utilizadas, bem como as temáticas recorrentes. Espero contribuir para o (re)conhecimento dessa importante autora da literatura são-tomense.

DO ESTRONDO A DESCOBERTA: COMO A SERENDIPIDADE MOVIMENTA AS MULHERES EM *NIKETCHE*

Taís dos Santos Abel¹³



Paulina Chiziane. Foto: Divulgação

A palavra serendipidade já suscitou muitos estudos, definições e reflexões. O termo em questão vem do inglês *Serendipity*, o qual foi usado pela primeira vez em 28 de janeiro de 1754, em uma carta de Horace Walpole. Nesta carta, dirigida a um amigo, conta como descobrira por acaso uma pintura valiosa¹⁴:

“ Esta descoberta é quase daquele tipo a que chamei serendipidade, uma palavra muito expressiva, a qual, como não tenho nada melhor para lhe dizer, vou passar a explicar: Uma vez li um romance bastante apalermado, chamado os três príncipes de Serendip: enquanto suas altezas viajavam, estavam sempre a fazer descobertas, por acaso e sagacidade, de coisas que não estavam a procurar...” (GONÇALVES,2017)

¹³ Doutoranda em Literaturas Africanas, integrante do grupo de pesquisa escritas do corpo feminino, bolsista CNPQ

¹⁴ A pintura valiosa tratava-se de um presente que Walpole recebera de seu amigo Horace Mann. Tal obra de arte, pintada por Vasari, trazia o retrato da Duquesa Bianca Capello, uma cortesã do século XVI amante de François Médicis, Duque da Toscana. Esta mulher fez o Duque acreditar que tiveram um filho antes dele se casar, em 1759. Ao observar cada detalhe do quadro, Walpole confirmou a relação entre as duas famílias, pois verificou que havia ao fundo do retrato dois armários: um com o brasão da família Médicis e outro com o dos Capellos. Foi, então, que ele contou ao amigo a faculdade que possuía de descobrir coisas em seu entorno, mesmo que não estivesse a procurar. (CATTELIN, p. 24)

Após sua origem, o termo passou, de forma mais ampla, a ser utilizado para descrever situações descobertas ao acaso. Nota-se, contudo, que, para que tais descobertas se caracterizem, de fato, como serendipidade, é preciso haver atenção, a fim de que o momento de serendipidade não passe despercebido. Logo, a existência ou o êxito do conceito é possível apenas quando realmente houver consciência da descoberta. Se o processo de conscientização é primordial para que percebamos alguns momentos, na realidade ou na ficção, em que o acaso traz descobertas inesperadas, vale marcar, aqui, outra circunstância fundamental na serendipidade: a circunstância da felicidade, embora nem sempre essa consciência de felicidade, em uma descoberta casual, seja clara no primeiro momento. Afinal, como afirma Merton (2004), o primeiro teórico a sistematizar e estudar o conceito, a serendipidade descreve um processo que é quintessencialmente ambíguo e dinâmico. E talvez a atenção seja um dos aspectos mais importantes para que a serendipidade seja vivida e percebida.

Os exemplos de situações de serendipidade se multiplicam e desdobram, nos estudos de Merton, revelando-nos, ainda, a importância de aspectos como o esforço, a determinação, a abertura intelectual e até mesmo a clarividência. Nesse sentido, a descoberta da penicilina talvez seja o mais impactante momento de serendipidade em que a ideia do elemento premonitório desempenhou um papel fundamental. O cientista Alexander Fleming¹⁵ não apenas percebeu uma alteração em sua experiência com bactérias, mas também atentou para o significado dessa alteração e intuiu a importância revolucionária da descoberta que estava protagonizando para a medicina naquele momento.

Como exemplo de serendipidade nas literaturas africanas, há o romance de Paulina Chiziane, *Niketche: uma história de poligamia* (2004) onde a protagonista vê sua vida transformada num dia aparentemente comum em seu vilarejo. Após ouvir um grande estrondo e se assustar, Rami é alertada pelas vizinhas que seu filho quebrara o vidro do carro de um homem rico. Neste momento, no qual se viu totalmente indefesa e desprotegida, Rami começa a se dar conta da contradição em que vive: sua dependência total de um marido que está sempre ausente. Começa então a se perguntar do porquê desse distanciamento e, durante esse autoquestionamento, percebe que foi desprezada na maior parte dos vinte anos de seu casamento com o Tony. Desencadeia-se então um processo de reflexão, no qual se dá conta da baixa autoestima, enquanto se indaga sobre os motivos

¹⁵ Fleming realizou duas descobertas, ocorridas nos anos 1920. Ainda que tenham sido acidentais, demonstram a grande capacidade de observação e intuição deste médico britânico. A descoberta da lisozima ocorreu depois que o muco de seu nariz, procedente de um espirro, caísse sobre uma placa de Petri onde cresciam colônias bacterianas. Alguns dias mais tarde, notou que as bactérias haviam sido destruídas no local onde se havia depositado o fluido nasal. Ele chegou à segunda descoberta, da penicilina e de suas propriedades antibióticas, ao observar uma cultura de bactérias do tipo estafilococo e o desenvolvimento do mofo a seu redor, onde as bactérias circulavam livres. A desarrumação constante de seu laboratório facilitou a descoberta, tendo em vista que só encontrara o *penicilium notatum* numa placa de Petri esquecida e que estava a ponto de descartá-la.

das constantes ausências de Tony. Assim, a partir de uma situação aparentemente corriqueira, acompanhamos uma radical transformação na vida de Rami. Tal transformação é vista aqui como resultante da serendipidade, sobretudo, em função do processo de conscientização detonado pelo acaso na vida da personagem. Ela sai de casa para conhecer as mulheres com quem seu marido mantinha relacionamento extraconjugal e, numa outra situação inesperada, termina unindo-se às suas rivais e apoiando-as. Outro momento de serendipidade se dá após uma das rivais decidir fazer uma exposição de todas as mulheres nuas diante de Tony. Nessa ocasião, Rami se dá conta da fraqueza deste diante dos corpos nus e ainda: se a visão de seu próprio corpo nu torna Rami, a princípio, desgostosa, logo adiante, em mais uma circunstância de consciência e argúcia, percebe que sua força maior não está na sedução sensual, mas no conhecimento de suas potencialidades.

Ao longo do romance, encontramos uma série de situações casuais de serendipidade, nas quais não só a protagonista, mas as demais mulheres de Tony vão tomando consciência dos mecanismos de controle e opressão que as cercam e de como podem romper com muitas dessas barreiras. Assim como a protagonista percebe que uma situação inusitada a levou sair de seu lugar de conforto e enfrentar questões novas, ela e suas rivais/irmãs vivem vários momentos que, ao acaso, lhe fazem grandes revelações extremamente positivas.

REFERÊNCIAS

- CATELLIN, Silvie. **Serendipité**. Paris: Éditions Du Seil, 2014.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketché**: Uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2017
- MERTON, Robert K. e BARBER, Elinor G. **The Travels and Adventures of Serendipity: A Study in Sociological Semantics and the Sociology of Science**. Princeton University: 2004

DJÊNIA E SONÊA: LIVROS, LEITURAS E LEITORES DE GUINÉ-BISSAU

Denilson Lima Santos¹⁶



Odete Semedo. Foto: Jornal O Democrata, Guiné-Bissau

Resumo: *Sonedá: Histórias e passadas que ovi contar I* e *Djênia: histórias e passadas que ouvi contar II* são obras da autora Bissau-guineense Maria Odete da Costa Soares Semedo, conhecida como Odete Semedo. Nesses livros, podemos encontrar um conjunto de contos que são reelaborações da arte de contar história herdada dos mais velhos. A partir das categorias autor, obra e leitor, esse texto pretende analisar a relação da literatura africana como formadora de leitor e propiciadora do processo de leitura. Por meio de narrativas que mesclam as tradições locais e as tensões entre a tradição e a modernidade, a autora constrói o texto como processo que permite, ao leitor, dialogar com as memórias dos povos africanos. Nesse processo de narração, a palavra ganha força como inscitura da tradição na literatura. Por meio da narração, a autora tece lugares, descrições de pessoas e contradições que estão presentes na sociedade guineense e se transformam em matéria estética. Para isso, lançamos mão dos conceitos de oralitura, bem como o de narrador, como aquele que viaja e traz novidades, e de inscitura verbal. Narrar ganha nesse sentido o papel de contar histórias de nossos povos e alimento da memória de nossa comunidade. No processo metodológico dessa pesquisa bibliográfica, traçamos aqui os caminhos para entender as obras estudadas no contexto dos aspectos teórico-metodológicos da Sociologia da Literatura. Por fim, percebemos que as narrativas apresentam um diálogo com o leitor propondo uma leitura para além do olhar e do entender as relações sociais e estéticas do texto literário.

Palavras-chave: Literatura Africana, Guiné-Bissau, Leitor, Leitura, Odete Semedo.

¹⁶ É professor Adjunto da UNILAB-Campus dos Malês, BA. Realiza pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (DMMDC – UFBA). Além disso, é Bolsista Produtividade, CNPq, Processo: 306596/2020-2. E-mail: denilsonlimas@unilab.edu.

A escritora Maria Odete da Costa Soares Semedo, nascida em Bissau, capital da Guiné-Bissau, é autora dos livros *Soneá: histórias e passadas que ouvi contar I* e *Djênia: histórias e passadas que ouvi contar II*, ambos publicado em 2000.

Nossa pesquisa centra-se na leitura e análise de dois contos: do livro um, apresentamos *Soneá* e do livro II o conto *Djênia*. A meta é analisar a contística de Odete Semedo a partir das categorias leitor e leitura no contexto das produções africanas de língua portuguesa.

A partir da perspectiva de Walter Benjamin (1993) em que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte de todos os narradores” (p. 198), observamos o jogo entre o narrador “sedentário” — aquele que conhece sua cultura e a torna fonte inesgotável do contar história — e o narrador “viajante” cujo ato de narrar se fundamenta nas coisas que ele viu e passa a contar para sua comunidade. Nesse trilhar do que vem de longe e do que está perto, os contos *Djênia* e *Soneá* proporcionam uma incursão do leitor pela oralitura (Cf. MARTINS, 2000) que a literatura africana de Guiné-Bissau, nos presenteia. Temos em mente que a oralitura não está relacionada

univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais de tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significativo e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. Se a oratura nos remete a um corpus verbal, indiretamente evocando a sua transmissão, a oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo. (p. 84).

Além do que temos apresentado até aqui, a performatividade do texto entre a tradição oral e a escrita, que seria oralitura para Leda Martins, se insere em que Amarino Queiroz (2006) postula de inscritura do verbo, a saber,

a ideia de inscritura de que nos estamos valendo aponta para uma categoria artística cuja representação é movente, fluida, aberta, inclusiva, manifestada pelo empenho de interação entre o oral e o escrito, mas assimilando e absorvendo elementos outros como o musical, o cênico e o pictográfico. Calcada nessa dinâmica de apropriação, desapropriação e re-apropriação constantes, sua base expressiva é a performatividade (114).

Daí, a partir da pesquisa bibliográfica, faremos uso metodológico da Sociologia da Literatura (CANDIDO, 2006) para analisar os contos de Odete Semedo sob o aspecto estético da tríade: autor-obra-leitor.

Tanto o conto *Soneá* como o *Djênia* apresentam, na narrativa, o jogo do narrador que conhece sua história e reconta as “passadas” que, segundo o glossário do livro II, significa “reconto; narração de acontecimentos feita com ênfase; relatos de bisbilhote; fofoca” (SEMEDO, 2000, p. 138).

Soneá, filha de Nmisa e Trupé, uma jovem envolvida em programa de desenvolvimento da comunidade, recebe a notícia que o seu tio Kilim faleceu. A partir

disso, se desenvolve uma trama em que Soneá passa por conflitos entre suas obrigações com a organização social em que trabalha e o dever de acompanhar a mãe até a região de Nbirindolo para o rito fúnebre. A história segue e o enredo se detalha entre as reminiscências de Soneá com os ensinamentos do tio e a tensão das práticas ancestrais de sua comunidade (*moransa*) em contraposição com a modernidade da metrópole (*prasa*).

Em relação à Djênia, a história se passa na *moransa* onde a personagem vive com o pai Nsumbo, a mãe Sirem e o irmão Luana, o mais novo. Um certo dia, Djênia estava ouvindo as histórias contadas pela mulher-grande, uma senhora idosa da aldeia, quando uma serpente gigante, com a cabeça enorme e orelhas como as de elefante devorou a mãe e o irmão da jovem. Tal evento desencadeia o fluxo narrativo entremeado por tensões e busca de novas saídas, por exemplo, o casamento do viúvo Nsumbo com Andressa, amiga de Djênia. Esse evento é o deflagrador do sofrimento da personagem principal, pois sua amiga será a madrasta que causará dor e aflição.

Tais narrativas reconstróem a memória que é a “mais épica de todas as faculdades” (BENJAMIN, 1993, p.210), pois a escrita de Odete Semedo além de recuperar a “passadas” as insere na inscrição verbal em que a tradição escrita se alimenta e se retroalimenta da tradição oral (Cf. Queiroz, 2006, p. 114).

Em todo o momento as vozes guineenses se desenham para construir um cenário em que as tradições africanas se tornam conhecidas para o leitor:

Estes livros eram conhecidos como remédio santo para todo o tipo de problemática. Safiatu Sonéá só não entendia era como é que tantas escrituras, tantos esquemas, ainda havia tantos e tantos locais por arrancar rumo ao desenvolvimento. Ou será que o tio Kilin voltaria a ter razão? Pois, ele bem dissera a Sonéá que o que aumenta o lixo na prasa é o próprio esquema de resolução das problemáticas, porque quem consome a prática deita fora o que não presta – caroços, cascas, sementes, aparos, queimados – e tudo isso só faz aumentar o lixo, e os problemas também (SEMEDO, 2000, p. 60).

Os conflitos entre o moderno e a tradição é lido de maneira crítica pela personagem. E no jogo estético da obra percebemos como os

fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (CANDIDO, 2006, p.14-5).

Nesse sentido, as narrativas de Odete Semedo ocupam o lugar de propiciar ao leitor as histórias do outro lado do Atlântico. Mas não é só isso, no jogo estético da obra, a figura do pai de Djênia, Nsumbo, é lida como aquele que desenterra a cultura. Ao chegar do trabalho e amarrar o cavalo ao pé do figo, percebe que quando seu companheiro de trabalho come a grama, escuta a voz da filha a cantar:

Cavalinhu di nha papé
 Ka bu nha kabelu
 Andreza nteran bibu
 Pabia di um figuera

Passarinhu já levô
Levô ... levô...

Cavalinho do meu pai
Não comas o meu cabelo
Andreza enterrou-me viva
Por causa de um figo
Passarinhu já levou...
Levou ... levou ...
(SEMEDO, 2000b, p. 99).

O pai, conhecedor da filha, a desenterra e toma conhecimento das atrocidades da atual esposa Andressa cometidas com a filha dele. Desse ponto em diante, a leitura do conto se dá em diálogo com as tradições coletivas de Guiné-Bissau. Desde a punição à madrasta perversa ao retorno aos conselhos da mulher-grande, ambos os personagens, pai e filha, vão se dar conta dos ensinamentos: “O mundo não é feito apenas de coisas más e de pessoas ruins. Há que saber olhar e ver. Apreciar e amar aquilo que é bom e ajudar os que são menos bons a serem melhores, senão hoje, pelo menos amanhã!” (SEMEDO, 2000b p. 104).

Se em Djênia saber olhar e ver aponta para uma leitura ética, em Soneá encontramos uma epistemologia da tradição: “Ele [tio Kilim] dizia que um homem é sábio quando consegue levar a sua sabedoria aos outros” (SEMEDO, 2000a, p. 87).

Assim, podemos perceber que as narrativas aqui apresentadas conseguem estabelecer um processo de leitura e formação do leitor para compreender outras epistemologias não ocidentais a partir do jogo estético e ético que estão presentes nas relações sociais de Guiné-Bissau, reinventadas nos contos.

A importância do estudo das relações entre obra, autor e público no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa é uma contribuição da Sociologia da Literatura para a compreender a estética literária de Guiné-Bissau na Diáspora.

Se por um lado, a escrita de Odete Semedo é a proposta da linguagem literária como estratégia de releitura das tradições de seu país, por outro desperta no leitor diaspórico a “experiência coletiva” (CANDIDO, 2006, p.33). Talvez seja essa uma, das muitas razões, de imermos cada vez mais nas letras guineenses.

Por fim, temos em mente que é necessário estar atento para olhar e ver as possibilidades que a narrativa de Semedo permite. Em outras palavras, estamos diante da inscrição verbal (Cf. QUEIROZ, 2006) que apresenta a estética e a ética africanas como processo epistemológico da coletividade, da *moransa*, de Guiné-Bissau para o mundo.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, p. 197-221.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006.

MARTINS, Leda Maria. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazarteh Soares. (Org). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória**: O reinado do Rosário no Jatobá. Mazza, 1997.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscrituras do verbo**: dizibilidades performáticas da palavra poética africana. Univerdidade Federal de Pernambuco, 2007.

SEMEDO, Odete. **Sonéá**: hitórias e pasadas que ouvi contar I. Bissau: INEP, 2000a.

SEMEDO, Odete. **Djênia**: hitórias e pasadas que ouvi contar II. Bissau: INEP, 2000b.

A PRESENÇA DO MAR NA POESIA DE PAULINA CHIZIANE

Márcia Neide dos Santos Costa¹⁷



Paulina Chiziane. Foto: Stop MZ

Resumo: O trabalho busca evidenciar a presença do mar na obra *O canto dos escravizados* de Paulina Chiziane. Foram escolhidos quatro poemas do livro para serem analisados. Veremos como a escritora traz, através das formas e dos sentidos poéticos, a imagem do mar: um cenário de mistérios, segredos, conexão espiritual, passando a ser um cenário de horrores, dores e mortes, mas também se tornando um ambiente de retorno a África, ao encontro da liberdade, dos ancestrais.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Prosa poética. Mar. Moçambique. Ancestralidade

¹⁷ Especialização e Mestrado em Estudos Literários - UEFS, com ênfase para as literaturas africanas de língua portuguesa

Este trabalho tem como objeto de estudo a obra **O canto dos escravizados** (2018) da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Nascida no sul do país africano em 1955, Chiziane lançou seu primeiro romance, **Balada de amor ao vento**, em 1990, sendo reconhecida como a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. É autora de outros livros: **Ventos do apocalipse** (1993), **O sétimo juramento** (2000), **Niketche: uma história de poligamia** (2002), **O alegre canto da perdiz** (2008), **As andorinhas** (2009), entre outras produções.

Segundo Rita Santiago, Paulina Chiziane é uma “contadora de estórias, africana e negra, como ela autodenomina. Com a tradição oral e suas experiências políticas, ela inventa histórias marcadas pelo passado histórico colonial e pela pós-independência”. (SANTIAGO, 2019, p. 26). Chiziane denomina-se contadora de histórias porque o contar é uma tradição muito comum em Moçambique: histórias narradas ao redor da fogueira. E o que ela narra nos seus livros se aproxima muito dessa tradição.

O trabalho em questão busca evidenciar a presença do mar na obra *o canto dos escravizados* de Chiziane. Serão analisados quatro poemas do livro (trechos de três deles) em que veremos como Chiziane traz a imagem do mar: antes, um cenário de mistérios, segredos, conexão espiritual, passando a ser um cenário de horrores, dores e mortes durante o processo histórico de navegações, mas também se tornando um caminho de retorno aos ancestrais, uma passagem de volta a África, ao encontro da liberdade. O mar, nos versos de Paulina Chiziane aparece como testemunha da travessia entre África, passando pelo Atlântico, até a América, voltando para a África.

O livro *O canto dos escravizados* é o mais recente da escritora Chiziane, um livro de poemas, tendo sua primeira edição publicada pela editora Matiko, em 2017 em Moçambique. E sua segunda edição publicada no Brasil em 2018, pela editora Nandyala. Santiago afirma que o livro

Narra, ficcionalizando, percursos de africanos em África e nas Américas no período colonial, subjugados à escravidão, com o intuito de reavivar a memória coletiva [...] A obra é uma retomada, inventada, da existência do africano negro, da dor e da esperança, através de um diálogo, também inventado, entre o passado, o presente e o futuro [...] (SANTIAGO, 2019, p. 31)

Dessa maneira, o livro traz o povo africano (re)existindo entre dores e esperanças de um processo histórico marcado pela desumanização desses povos. É um livro situado no tempo entre passado, presente e futuro. E o mar também faz parte desse contexto, porque ele, de acordo com o que sugere Chiziane, presencia e observa todos esses fatos históricos.

O mar

O mar já foi abordado por alguns escritores como Rui Knopfli, Virgílio de Lemos, Glória de Sant’Anna, Luis Carlos Patraquim, Eduardo White, Guita Júnior, Adelino Timóteo, José Craveirinha, entre outros. Sobre a presença do mar em Noémia de Sousa, mãe dos moçambicanos, a professora Carmen Secco, no seu texto *As índicas águas da (na) poesia moçambicana* afirma:

Na poética de Noémia de Sousa, o mar surge pouco e, quando aparece, se erige como espaço de desespero e revolta, como espelho da voz feminina a denunciar o feitiço do Índico que trouxera os homens louros a quem os africanos se submeteram e as mulheres negras deram seus corpos. (SECCO, 2016, p. 67)

Em Paulina Chiziane, dentro do contexto pós-independência, percebe-se que o mar é esse lugar de travessia, estrada de ida e de volta. Estrada caminho para a América e retorno a África, simbolizando a passagem entre o medo e a direção para a coragem e reencontro com os antepassados.

Carmen Secco explica que

[...] na poesia ligada às lutas de libertação e ao projeto de reconstrução nacional, o mar também não se faz constante, havendo uma ênfase na terra e nos rios africanos; nos espaços insulares – Cabo Verde, São Tomé e Príncipe –, o oceano é uma metáfora recorrente; no novo lirismo do período da pós-independência, há vertentes nitidamente ligadas ao mar, que, metaforicamente, passa a ser visto como elemento de erotização da linguagem poética e caminho para uma revisão crítica da história. (SECCO, 2016, p. 62)

Baseado no texto de Secco, nota-se que o texto de Chiziane parece está no caminho da revisão crítica da história. Trata-se da poesia que revisita o passado, criticando, desconstruindo o olhar negativo que se tem da África. Secco diz ainda que há duas vertentes literárias dentro da poesia do mar. E uma delas é a que mais se aproxima dos versos de Chiziane: “[...] subverte corrosivamente a história, criticando o colonialismo e a opressão”. (SECCO, 2016, p. 64)

A partir disso, vamos as análises dos poemas do livro *O canto dos escravizados*

Poemas

Estrada sem rasto

[...]
 Mar, estrada sem rasto
 Como irei reencontrar os meus ancestrais
 Se apagaste as pegadas de toda a gente?
 Mar medonho, quantos negros afundaste?
 Quantos negros morreram nas tuas águas?
 Mar meu, és o mais tenebroso dos túmulos
 És o maior cemitério de África
 (CHIZIANE, 2018, p. 38)

Neste poema, o eu-lírico conversa com o mar, fazendo indagações, questionamentos sobre como reencontrar os ancestrais diante das mortes que o mar

guardou. Nesse sentido, percebemos que Paulina Chiziane não apresenta um poema preciso, afirmativo. Ela traz interrogações exatamente porque busca-se respostas para que os povos africanos se conectem novamente com seus ancestrais. Busca-se respostas que justifique os horrores que se passaram no mar, sendo este o “maior cemitério de África”. Mas sendo o mar o cemitério de África, não significa que seja ele o inimigo. O inimigo é outro: o colonizador, quem escravizou, explorou. O mar é a personificação de quem observa atentamente o que se passa. Ele é testemunha desses acontecimentos medonhos e revoltantes em que o corpo negro africano fora submetido.

Estrada de dor

Mar: azul horizonte, azul infinito
 A África inteira baila no dorso das tuas ondas
 O teu sal, ó mar, são lágrimas de dor
 Derramadas pelos cativos em todas as travessias
 Mar, estrada de pavor
 Engoliste tantas naus, que até perdeste a conta
 Mar medonho, matas tudo: marinheiros, navios, escravos
 Mar, és um eterno cantador como escravo no porão
 És eterno viajante, sempre flutuante, sem território fixo
 És mesmo um escravo, que busca a paz entre as marés
 Para fixar a âncora e repousar o cansaço da existência
 (CHIZIANE, 2018, p. 37)

Nesse trecho, observamos que os versos de Chiziane são narrativas ou prosas poéticas, porque existe uma história sendo contada como se fosse uma conversa, uma prosa lírica e sensível sobre os fatos históricos. Nessa prosa, o leitor se envolve, se emociona, se comove com as cenas descritas: “lágrimas de dor”, “estrada de pavor”.

O mar abrigou os escravizados, os corpos nos porões dos navios, mas ele também banha esses mesmos corpos. Os corpos dos sobreviventes, revigorando e dando energias para que estes possam continuar resistindo.

O mar e a África se relacionam de modo que faz o leitor refletir sobre o que esses dois ambientes representam: a África com suas riquezas, culturas, tradições; e o mar que presenciou o apagamento dessa cultura.

A forma da prosa poética de Chiziane é algo que também chama atenção. A escritora entrega para o leitor uma poesia sem pontuações. Ou seja, é uma prosa que se estende, que não tem um ponto final. Entende-se que é a história de Moçambique que até hoje está aberta e não foi superada.

Cantiga do mar

Nas ondas mansas, nas ondas bravas
 No azul celeste, no azul intenso
 Na cor do céu e do horizonte
 Reside a dor da minha alma
 Mas, ó mar, estrada do pavor
 Mar, ó mar, consola a minha dor
 [...]
 (CHIZIANE, 2018, p. 38)

O trecho acima traz uma poeticidade muito forte, rica em imagens naturais, trazendo leveza. E é essa leveza que nos permite identificar a passagem do mar, cenário de angústias, para o mar, cenário de esperança, de ânsia por curar a dor. O eu-lírico clama o mar para que ele possa consolar e amenizar as dores. Há, portanto, uma expectativa de que as aflições serão cessadas.

O poema é carregado de musicalidade. O próprio título traz a palavra “cantiga” que embala a alma. Há também a imagem do mar que dança, que traz o balanço das ondas: “ondas mansas”, “ondas bravas”. Ao mesmo tempo que a imagem do mar pode nos remeter a fúria, ele também pode acalantar, trazer paz.

A repetição de palavras com sons semelhantes presentes no poema também é interessante porque nos ajuda a compreender melhor o sentido do texto. É o que acontece, por exemplo, no verso *no azul celeste, no azul intenso/ Na cor do céu e do horizonte*. A cor “azul” que aparece duas vezes no verso, transmite **tranquilidade, serenidade, harmonia**. O dicionário de símbolos¹⁸ afirma que a cor azul representa, tanto a expansão do céu, como as profundezas do mar, simbolizando espiritualidade, pensamento, infinito, vazio, eternidade e transparência. **E é isso que o eu-lírico do poema está buscando.**

Os termos “céu” e “horizonte” reforçam a ideia de o quanto que o eu- lírico deseja a felicidade e a reconexão com a espiritualidade.

O poema a seguir, *Sereia negra* (na íntegra), traz com mais força a transição do mar, testemunha de horrores, para o mar que assiste ao renascimento, a liberdade da mulher que não mais aceita ser acorrentada e que celebra a vida eternamente, dançando ao ritmo da felicidade como quem reencontra seus irmãos africanos.

Sereia negra

Sou sereia negra e renasci das ondas
 Morri acorrentada no navio e não fui escrava
 Danço eternamente no dorso do oceano
 Sou sereia livre cavalcando o mar

O mar, gêmeo da alma africana, é a minha morada
 Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio
 Sempre a vibrar ao sabor dos ventos e das marés
 Sou sereia bela na dança da eternidade
 Como uma boa negra, danço em cada instante
 Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria
 Agradeço a Deus e nem lamento a vida que perdi
 Antes morta e livre do que viva e escrava

Sou a atracção fatal e ninguém resiste ao meu canto

¹⁸ Dicionário de símbolos: significado de símbolos e simbologia. Disponível em: www.dicionariodesimbolos.com.br/busca/?q=azul Acesso em 02 de Abr. 2021.

Mato de amor, piratas, marinheiros, vagabundos do mar
Por isso me querem violar com a força dos canhões
Para acabar com a minha virgindade num só golpe

Faço balançar os navios em dias da tormenta
Divirto-me com as batucadas no alto mar
Entre dois continentes eu bailo eternamente
Numa maré estou em África e noutra na América

Sou azul como o céu, e tenho as belezas dos corais
Do fundo do mar trago a triunfante mensagem dos búzios
Que anunciam na paz de Deus, o fim do sofrimento
E o nascimento de uma África que será a luz do mundo.
(CHIZIANE, 2017, p. 44)

O poema começa com o título bem enfático, afirmativo: *Sereia negra*. Ou seja: eu sou a sereia negra bela que habita o mar. Não a sereia branca europeizada. Mas sim, negra que se autoafirma e se identifica como tal. É a sereia que lembra Kianda, entidade sobrenatural de Angola. Na mitologia, ela é a Deusa do mar que preside o império das marés, dos rios, das montanhas e dos bosques. Ela é dotada de poderes que pode fazer tanto o bem como o mal. Inspira o medo e o perigo, mas também gera o amor. Dizem que a Kianda enfeitiça o homem, fazendo-o prisioneiro no fundo do mar para sempre. No poema de Chiziane aparecem versos que lembram esse feitiço: *Sou a atracção fatal e ninguém resiste ao meu canto/ Mato de amor, piratas, marinheiros, vagabundos do mar*. A Kianda faz parte da mitologia angolana, mas de alguma forma se relaciona com o poema de Chiziane, de Moçambique. A cada ano, os angolanos realizam um ritual de adoração para Kianda com comidas, danças, músicas e procissão no mar. Há versos no poema de Chiziane que remetem a essa celebração: *Como uma boa negra, danço em cada instante/ Na celebração da vida [...] Divirto-me com as batucadas no alto mar*.

O poema *Sereia negra* transmite a sensação de prazer, alegria, retirando o peso da morte que residia no mar. Chiziane foi feliz ao trazer termos como “renasci”, “eternamente”, “livre”, reforçando a ideia de liberdade e renascimento. O mar aparece como irmão da África, companheiro: *O mar, gêmeo da alma africana, é a minha morada/ Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio*. E os monstros da morte nos navios negreiros já não aparecem mais.

Por mais que a dor insista em permanecer, a sereia negra vai continuar dançando como forma de resistência: *Como uma boa negra, danço em cada instante/ Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria*. E por isso, ela agradece a Deus, sendo esse Deus não aquele único, imposto pelo colonizador branco, mas o que ela acredita, o Deus que pode ser diferente daquele que o outro acredita. Ou seja, cada um pode ter o seu Deus, a sua crença.

A sereia negra continua resistindo quando afirma categoricamente: *Antes morta e livre do que viva e escrava*: melhor a morte do que ser humilhada e escravizada novamente. Ela não permite mais ser violada pelos homens brancos com seus canhões

nos porões dos navios: *Por isso me querem violar com a força dos canhões/ Para acabar com a minha virgindade num só golpe.*

E o eu-lírico finaliza o poema mostrando que mesmo em dias de tormenta é possível se divertir, ser o que realmente é, estando em África, local de origem, do seu povo e na América, na diáspora.

Chiziane utiliza o recurso da comparação para demonstrar a força e a grandeza da mulher bela como os corais do mar: *Sou azul como o céu, e tenho as belezas dos corais.* E os búzios avisam que há paz, fim do sofrimento e uma nova África que não se curva, não recua e segue como antes: imponente, grandiosa, rica em beleza: *Do fundo do mar trago a triunfante mensagem dos búzios/ Que anunciam na paz de Deus, o fim do sofrimento/ E o nascimento de uma África que será a luz do mundo.*

Paulina Chiziane costuma dizer em entrevistas que quando fala sobre o mar, é da forma que ela quer, do jeito que ela gostaria de falar. E não do jeito que o outro quer que ela fale. Chiziane não aceita o fato de que o outro imponha a forma como ela deve se expressar sobre o mar. E no seu livro, Chiziane dar conta de falar muito bem do mar.

Sobre os poemas do livro *O canto dos escravizados*, alguns deles são longos, outros curtos, simples, mas todos com muita intensidade de sentidos, possibilitando leituras e discussões pertinentes sobre a história e cultura africana/ moçambicana.

Santiago afirma que

O canto dos escravizados, narrativa em verso, é um convite ao lamento coletivo e aos cantos de (des)esperança imbuída de durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora de esperança, fé, leveza, imagens belas, encantadoras e utopias, inclusive, por vezes, alentadoras, ao redor de temas complexos como escravidão, colonização, novos modos de colonização, pertencimento africano, resistência, ancestralidade, liberdade, dentre outros. (SANTIAGO, 2019, p. 31)

A afirmação de Santiago se confirma quando nos deparamos com a leitura dos poemas de Chiziane. Podemos perceber essa narrativa em verso que transmite cantos de esperanças, mesmo diante das durezas frutos do passado histórico. São verso carregados de encantos, fé/ espiritualidade que nos impulsiona cada vez mais a viver buscando a nossa ancestralidade e a ligação com nossos antepassado.

Considerações finais

Com este trabalho, evidenciamos a prosa poética de Paulina Chiziane que traz, dentre outros temas, o mar. Analisamos como Chiziane apresenta o mar, na forma e nos sentidos, em alguns de seus poemas: de testemunha da dor ao caminho do afeto de volta a África.

Chiziane, através dos seus versos, prepara os leitores para um ambiente em que se encontram o mar, a África e seu povo. Ela traz a poesia não só do eu, mas do nós: memória individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos Escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

SANTIAGO, Ana Rita. Baladas e o mar - morada de memórias em O Canto dos Escravizados. Campina Grande: **Sóciopoética**, n. 21, v. 2, 2019, p. 24- 38.

SECCO, Carmen Lucia. As índicas águas da (na) poesia moçambicana. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 61-82.

LOPES, Noémie Pereira. Kianda, a sereia banto de Angola. **Xapuri Socioambiental**. Out. 2018. Disponível em: <https://www.xapuri.info/mitos-e-lendas/kianda-sereia-de-angola/> Acesso em 02 de Abr. 2021.

OLHARES SOBRE O BRASIL NA OBRA DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, OLHARES SOBRE AGUALUSA NA PESQUISA E ENSINO BRASILEIROS

Alex Santana França¹⁹



José Eduardo Agualusa. Foto: Marina Silva/ Jornal Correio.

Entre os escritores angolanos contemporâneos, José Eduardo Agualusa, junto a Pepetela, foi um dos poucos que conquistaram visibilidade e reconhecimento no Brasil por algumas décadas, aliás não só no Brasil como em outras localidades do mundo, o que pode caracterizá-lo como um escritor “globalizado”, devido, principalmente, pela escolha dos temas de seus romances, que sempre estão relacionados às questões contemporâneas de escala internacional. Aqui já se acumulou muitos estudos acadêmicos sobre sua obra, além de sua presença em diversos eventos em universidades e feiras literárias, se comparado ao período em que iniciei uma investigação sobre sua produção literária no final dos anos 2000.

As obras do escritor angolano também se fazem presentes nos programas curriculares de diversos cursos de Letras das universidades brasileiras, intensificadas após a promulgação da lei 10639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura da África na educação básica. Meu primeiro contato com Agualusa, inclusive, foi através de cursos extracurriculares de formação e da leitura de alguns contos do livro *Manuel prático de levitação*, que li durante uma disciplina de graduação em Letras. Em seguida, em uma

¹⁹ Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA), pesquisador e escritor, graduado em Letras (UFBA), Mestre e Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (UFBA). E-mail: alexsfranca@yahoo.com.br.

outra disciplina, li o romance *Nação crioula*, que me deixou muito interessado em analisar a forma como explorou fatos da história do Brasil, a partir de um olhar estrangeiro, mas não europeu, que resultaram em uma monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia, intitulada *Decifrando o enigma Fradique Mendes*, e sob a orientação do Professor Doutor Sandro Santos Ornellas, na qual fiz uma análise comparativa do personagem português Fradique Mendes nos romances *A Correspondência de Fradique Mendes*, escrito por Eça de Queiroz e publicado em 1900 e *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do escritor José Eduardo Agualusa, publicado em 1997, e na sequência, uma dissertação de Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, intitulada *Que país é esse? Olhares sobre o Brasil na obra de José Eduardo Agualusa*, e também orientada pelo Professor Doutor Sandro Santos Ornellas, que pretendeu analisar o imaginário sobre o Brasil construído em seu discurso provindo de distintos lugares discursivos, como Angola, Portugal e o próprio Brasil. Agualusa constrói, por exemplo, o Brasil do século XIX, momento histórico do qual ele não viveu e que não faz parte da sua história, não sendo ele brasileiro, num romance de ficção que mistura realidade – este inclusive um traço característico da sua obra – caso de *Nação crioula* – assim como o Brasil do século XXI, a partir de um processo de pesquisa e de leituras sobre o Brasil, da sua experiência como jornalista, além de toda sua trajetória de viagens ao país, de contato com pessoas e com a cultura local, através principalmente da música e da literatura.

Natural do Huambo, em Angola, vivendo em Lisboa, em Luanda, no Brasil, em Moçambique e transitando esporadicamente entre outros lugares do mundo, Agualusa transforma a dispersão da sua origem em uma intencional circulação entre continentes. A história do escritor angolano com o Brasil começou quando ele ainda era jovem. Em entrevista ao *Portal Literat* em 2008, Agualusa disse que o Brasil foi um dos primeiros países pelo qual ele se interessou em conhecer quando começou a viajar. Além disso, existe uma relação familiar, pois seu avô era carioca, portanto, o fato de ter família no Brasil fazia com que ele viesse regularmente ao país. Durante todo esse período, ele sempre ouviu música brasileira e leu escritores brasileiros, como Rubem Fonseca e Jorge Amado. Segundo ele, essa experiência cultural permitiu que pudesse entender o país com maior profundidade.

Preocupado em rediscutir a questão da nacionalidade através do seu discurso literário, o escritor angolano justamente permite-se transitar por outros espaços, fazendo com que sua produção literária não se limite apenas a Angola. E o Brasil – como dito nas palavras de Jorge Barbosa, escritor de Cabo Verde, e José Craveirinha, escritor de Moçambique, espaço de interesse de vários escritores africanos – passa a ser um lugar propício para situar algumas de suas narrativas por diversos motivos. Por isso, acredita-se que o próprio Agualusa reivindique o direito, como escritor africano, de se debruçar sobre qualquer território, de construir discursos sobre o Outro, com a mesma recepção e

respeito que é dada aos discursos oriundos de eixos tradicionais como a Europa, pois poderia haver uma forma encoberta de preconceito, principalmente por parte dos europeus, na aceitação dos discursos de escritores advindos de outros locais. Isso comprova que problemas típicos do período colonial, como a situação de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, prolongam-se no pós-colonial.

Sua estreia como escritor foi com o romance *A Conjura*, publicado em 1989, que foi a primeira obra literária angolana a se debruçar sobre a sociedade crioula de Luanda no século XIX. Destacando-se ainda no conjunto de sua obra, pela importância da análise e do testemunho nunca até então dado sobre a história angolana recente, está o romance *Estação das Chuvas*, que pode ser entendido como parte de um ciclo que se abriu com *A conjura* e que fornece um quadro panorâmico do nacionalismo angolano. Procurando respostas para as questões que as relações da literatura com a história levantam, o autor usa da liberdade da ficção para refazer alguns períodos da história de Angola, subvertendo-a, ou ao menos não seguindo os trilhos da historiografia oficial. Justamente por este motivo, o escritor foi muito criticado. O professor e crítico literário português José Luiz Pires Laranjeira, no artigo Vale tudo? publicado no *Jornal das Letras*, em 2002, afirmou que a estratégia de Agualusa em retomar determinados acontecimentos da história de Angola e personalidades importantes numa espécie de “divertimento pós-moderno (MELO, 2010, p. 02), foi meramente comercial. Muitos não veem com bons olhos também as opiniões negativas de Agualusa a Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola. Desde a publicação da entrevista dele ao *Jornal Angolense*, em 15 de março de 2008, Agualusa vem sendo extremamente criticado pelos seus compatriotas. Nela, o renomado escritor angolano afirma que cânones literários do seu país fizeram péssima poesia: “Uma pessoa que ache que o Agostinho Neto, por exemplo, foi um extraordinário poeta é porque não conhece rigorosamente nada de poesia. Agostinho Neto foi um poeta medíocre. O mesmo se pode dizer de Antônio Cardoso ou de Antônio Jacinto” (AGUALUSA, 2010, p. 01). Agualusa afirmou também que Agostinho Neto teve desempenho pior como presidente. Isso porque, durante a juventude, Agualusa participou da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), um dos movimentos de luta pela independência de Angola, que fazia oposição ao de Agostinho Neto, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Na verdade, a integração da história na ficção é uma estratégia a que o autor recorre para recuperar “a condição primordialmente histórica de todo o romance, enquanto gênero remotamente ligado à História, nas origens da sua consolidação sociocultural e capaz, à sua maneira, de a reescrever” (REIS, 1998, p. 39). Dessa forma, o escritor angolano mostra que ficção e história se encontram em fronteiras bem tênues.

Verifica-se na literatura angolana, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, um desejo de recontar o passado longínquo, assim como a história vívida do presente. Esse processo de re-formular a história da nova nação resultou em obras que ou re-contam e re-mitificam, ou questionam e contestam aspectos sociais, políticos e culturais do passado

e da história contemporânea. A escolha do romance enquanto gênero preferido dos escritores angolanos justifica-se porque este espelha a história de formação da nação melhor que qualquer outro graças ao caráter aberto e à variedade ilimitada de possibilidades de concebê-lo. Isso mostra que o fato destes escritores recorrerem ao passado não significa que enveredem pelo caminho da nostalgia. Se recorreram a acontecimentos históricos para tecerem suas narrativas, é porque reconhecem neles potencialidades romanescas e, sobretudo, porque há uma ligação entre eles e os fatos, o que configura uma característica importante da literatura angolana, que recorre ao passado não como um desejo retrógrado de reviver o irrecuperável; não há uma nostalgia do passado, e sim uma intenção de projeção, de sublimação.

Cabe justamente ao romance moderno fazer o mesmo e o inverso também, pois “ele faz parte da postura pós-modernista de confrontar os paradoxos da representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado” (HUTCHEON, 1991, p. 142). O romance, segundo Bakhtin, é o “único gênero por se constituir, e ainda inacabado” (1998, p. 397), isto quer dizer que “a ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas possibilidades plásticas” (BAKHTIN, 1998, p. 397). Pelo fato de o romance estar sempre em movimento, de acompanhar as mudanças da sociedade, ele acaba não sendo “simplesmente mais um gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos. Ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial” (BAKHTIN, 1998, p. 398). Bakhtin também destaca o caráter subversivo e aglutinador do romance que “parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom” (BAKHTIN, 1998, p. 399).

Para Linda Hutcheon (1991, p. 142), “muitos historiadores utilizaram as técnicas da representação ficcional para criar versões imaginárias de seus mundos históricos e reais”. Julio Plaza, artista e escritor espanhol, por sua vez, propõe duas maneiras para a recuperação do passado: na primeira, “o presente recupera o passado como fetiche, como novidade, como conservadorismo, como nostalgia” (PLAZA, 1987, p. 07), ou ele o “recupera de forma crítica, tomando aqueles elementos de utopia e sensibilidade que estão inscritos no passado e que podem ser liberados como estilhaços ou fragmentos para fazer face a um projeto transformativo do presente, a iluminar o presente” (PLAZA, 1987, p. 07).

Outro romance importante de Agualusa é *Nação crioula*, cujo subtítulo é “A correspondência secreta de Fradique Mendes” (alusão ao título do romance de Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes*), publicado em 1997. O escritor angolano aproveita-se de uma lacuna existente no romance de Eça, que se refere a não descrição da passagem de Fradique pela África, para fazê-la, com o intuito de falar sobre a África, diante de um amplo desconhecimento sobre o continente. Ele percebeu que era

possível se utilizar da obra de um escritor canônico, de um grande representante não só da literatura de língua portuguesa, mas da literatura universal, para pelo menos preencher um pouco deste vazio. Em outra entrevista, Agualusa justificou sua escolha em resgatar o personagem: “Eça e seu grupo publicaram nos jornais da época diversos poemas em nome de Fradique Mendes (...) Achei que seria fascinante, cem anos depois, continuar esse jogo. E diverti-me imenso a jogá-lo” (Apud OLIVEIRA, 2004, p. 98). A narrativa apresenta vinte e seis cartas escritas pelo personagem português, dirigidas a apenas três destinatários: dez a Madame de Jouarre, seis a Eça de Queiroz e nove a Ana Olímpia. Apenas a última carta não foi escrita por Fradique e sim por Ana Olímpia, sua companheira, dirigida a Eça, e enviada em agosto de 1900, mês em que Eça faleceu. A data do envio, inclusive, explicaria, na lógica do livro, o porquê dessa parte da correspondência de Fradique ter ficado inédita.

A história inicia-se com uma carta de Fradique Mendes, datada de maio de 1868, dirigida a Madame de Jouarre. Nessa carta, ele faz referências às primeiras impressões de Luanda, porto de embarque de escravizados exportados para o Brasil. A descrição dessa cidade africana é bastante interessante, quando comparada com a opinião do Fradique de Eça de que a África não tinha coisas muito importantes sobre que falar. Como um viajante interessado, Fradique descreve à Madame de Jouarre aspectos de Luanda com a minúcia típica do espírito que percebe a diversidade com olhos atentos e assombrados, porque o que o invade, é uma convulsão de odores e cores que marcam a diferença do espaço vislumbrado pelo personagem. Logo ao desembarcar em Angola, Fradique foi tomado por um sentimento inquietante “de que havia deixado para trás o próprio mundo”. E, ao perceber o estado de Smith, seu velho criado, disse-lhe: “Bem-vindo a Portugal!”, frase esta que faz alusão a uma afirmação de Norton de Melo, ex-governador de Angola, referindo-se ao país africano, no século XX: “Aqui também é Portugal”.

O título do livro refere-se ao nome do último navio negreiro que transportou escravizados de Angola para o Brasil, o *Nação Crioula*. Carregado de escravizados para o Porto de Galinhas, em Pernambuco, ele, ironicamente, trouxe Fradique, um opositor da escravidão em fuga para o Brasil. O epíteto “nação crioula”, contudo, poderia muito bem ser aplicado tanto a Angola, ou ao menos a Luanda, pela presença marcante de portugueses, quanto ao Brasil, principalmente ao Nordeste e à região mineira, que foram as regiões que mais receberam escravizados africanos, em decorrência dos ciclos da cana-de-açúcar e do ouro e que também tiveram uma presença grande de portugueses. Após desembarcarem em Pernambuco, Fradique e sua amada seguem para Olinda. Os personagens e as histórias do romance circulam pelo Brasil, Portugal, Angola e França. Inclusive personagens históricas, como Luis Gama e José do Patrocínio, ambos do movimento abolicionista, convivem com Fradique. Ao incluir em sua história personagens reais ao lado de personagens ficcionais, Agualusa procura garantir uma maior verossimilhança a ela e ao próprio Fradique.

Já o romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, publicado em 2002, foi resultado de uma bolsa de criação literária que Agualusa recebeu da *Deutscher Akademischer Austauschdienst*, escrito entre janeiro de 2001 e janeiro de 2002, em um curto período de um ano, em Berlim, Alemanha. A ideia do romance surgiu a partir de um artigo de jornal que mencionava a presença de angolanos nos morros cariocas ao lado de traficantes de drogas. Ele propõe, entre outros aspectos, retratar a realidade das favelas, no caso, as do Rio de Janeiro, mas que pode ser estendido para outras favelas de qualquer grande cidade brasileira, e como a criminalidade dentro desses espaços afeta a sociedade como um todo. O autor, inclusive, relata alguns acontecimentos que marcaram a história policial do Rio de Janeiro, como a chacina da Igreja da Candelária, em 1992, e o sequestro do ônibus 174, em 2000. Entretanto, pode-se dizer que toda a narrativa se trata de uma realidade ficcionalizada, isto é, não significa dizer que os fatos apresentados no romance ocorreram fielmente.

Além disso, o romance também estabelece diálogo com diferentes manifestações culturais, especialmente a música e a própria literatura, através da inserção de fragmentos de textos de autores brasileiros, africanos e portugueses, como Agostinho Neto, Olavo Bilac, Mário de Sá-Carneiro, Nuno Júdice, Adão Ventura, Nelson Rodrigues e Ferreira Gullar, como também grupos musicais, compositores e intérpretes oriundos da música popular brasileira como Aldir Blanc, João Bosco, Martinho da Vila, Noel Rosa, MV Bill, Zeca Baleiro e Maria Bethânia; ou, no terreno do puramente ficcional, a presença da poetisa Lídia do Carmo Ferreira, personagem de outro romance de Agualusa, intitulado *Estação das chuvas*. A dedicatória do livro já indica ao leitor de antemão o processo de construção da narrativa que se firma no processo de intertextualidade, assim como na epígrafe. Na dedicatória de seu livro, o autor declara: “Para Jorge Amado, Rubem Fonseca, João Ubaldo Ribeiro e Cacá Diegues. Ainda para Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso” e completa “porque foi com eles que descobri o Brasil”. Essa declaração mostra também que o processo de construção do imaginário brasileiro na sua obra teve grande contribuição da literatura e da música. A epígrafe traz trechos da fala de Sueli Carneiro, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), de uma entrevista cedida à revista *Caros amigos*, e versos da música “Camisa de força”, do rapper MV Bill, que faz parte do disco *Declaração de guerra*, lançado em 2002.

Portanto, o processo de construção literária de Agualusa envolve o testemunho e o convívio com as pessoas cujas experiências de vida lhe servem de modelo para suas personagens. Ele não só se apropria de fatos e de personalidades históricas para tecer sua trama ficcional, como vai mais longe para, situando-se, ele próprio, no tempo histórico que pretende ver tratado, melhor dizendo, discutido, colocar as questões que esse tempo histórico, do seu ponto de vista, não soube abordar, ou não soube resolver, ou simplesmente para dar a conhecer a face oculta de figuras míticas da história recente.

Na sua trama ficcional, personagens “reais” do passado são recontadas pelo autor, segundo seu interesse e a economia do seu discurso narrativo, mas, ao mesmo tempo, ele cria ou retoma personagens fictícias do passado, como é o caso da personagem Lídia do Carmo Ferreira ou do próprio Fradique Mendes. Fica claro então, que essa característica permeia sua obra como um todo. Entre as personalidades históricas do Brasil mencionadas nos romances, destacam-se Luis Gama, José do Patrocínio, Manuel Querino e André Rebouças, em *Nação Crioula*, e em *O Ano em que Zumbi tomou o Rio*, Eusébio de Queirós (cujo nome completo era Eusébio de Queirós Coutinho Matoso da Câmara), figura importante do Brasil e de Angola, autor da lei que reprimiu o tráfico negreiro de africanos para o Brasil e estabeleceu sua posterior extinção; Francisco Palmares (mais conhecido como Zumbi dos Palmares), Domingos Jorge Velho (um dos maiores bandeirantes do Brasil, comandante da expedição que destruiu o Quilombo dos Palmares em 1695), Pedro de Almeida (na época, governador da província de Pernambuco, que propôs acordo de paz com o líder do Quilombo de Palmares, Ganga Zumba), o famoso cangaceiro brasileiro Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião e Maria Bonita, sua companheira. Depois de *O ano que Zumbi tomou o Rio*, o escritor angolano publicou os textos: *Catálogo de Sombras* (contos, 2003), *O Vendedor de Passados* (romance, 2004), *Manual Prático de Levitação* (contos, 2005), *A girafa que comia estrelas* (novela, 2005), *Passageiros em Trânsito* (contos, 2006), *O filho do vento* (novela, 2006), *As Mulheres do Meu Pai* (romance, 2007), *Na rota das especiarias* (guia, 2008), *O meu filho quer ser vampiro* (ficção, 2008), *Barroco Tropical* (romance, 2009), *Milagrário Pessoal* (romance, 2010), *Nweti e o mar: exercícios para sonhar sereias* (infantil, 2011), *Teoria geral do Esquecimento* (romance, 2012), *A educação sentimental dos pássaros* (romance, 2012), *A vida no céu* (romance, 2013), *A Rainha Ginga* (romance, 2014), *O Livro dos Camaleões* (contos, 2015), *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários* (romance, 2017), *O Paraíso e Outros Infernos* (crônicas, 2018), *Geração W* (peça de teatro montada em Portugal em 2004), *Chovem amores na Rua do Matador* (peça de teatro escrita juntamente com Mia Couto, estreada em Portugal em 2007) e *Aquela Mulher* (texto para monólogo teatral estrelado por Marília Gabriela e direção de Antônio Fagundes, montado em São Paulo, Brasil, em 2008 e Rio de Janeiro, Brasil, em 2009).

REFERÊNCIAS:

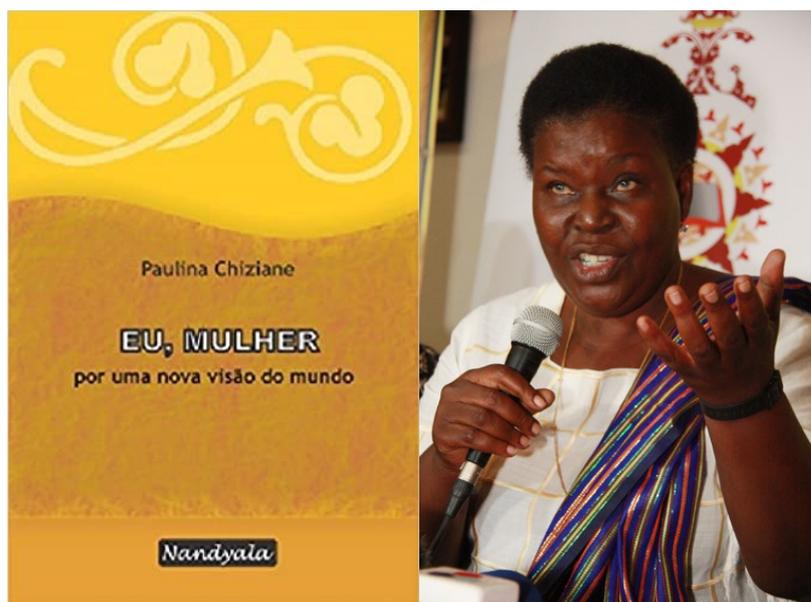
- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação crioula**: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- AGUALUSA, José Eduardo. **O ano em que Zumbi tomou o Rio**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora F. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: EDUNESP, 1998. p. 397-428.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado. In: _____.
Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro:
Imago, 1991. p. 141-162.

OLIVEIRA, Jurema. **O espaço do oprimido nas literaturas de língua portuguesa do século
XX:** Graciliano Ramos, Alves Redol e Castro Soromenho. Luanda: União dos Escritores
Angolanos, 2008.

PAULINA CHIZIANE: (ESCRE)VER O MUNDO PELO OLHAR DA MULHER

Ângela da Silva Gomes Poz²⁰



Paulina Chiziane. Foto: Divulgação.

Resumo: O presente estudo propõe uma breve análise temática da literatura de Paulina Chiziane, uma mulher negra, moçambicana, que concretiza o sonho de ser escritora e assume como tema a condição social da mulher, conforme revela no ensaio **EU, MULHER...por uma nova visão do mundo** (2016), escrito em 1992, em plena Guerra Civil em Moçambique. Como testemunha ocular do conflito, escrevendo ao som de explosões de bombas próximas à sua casa, Paulina registra, nessa escrita, sua leitura do mundo e desejo de mudança, dentro de uma sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Escrever; Ver o mundo; Olhar da Mulher; Paulina Chiziane.

²⁰ Doutoranda em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) e Mestra em Letras (Literatura Brasileira e Teorias da Literatura) pela Universidade Federal Fluminense. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal Fluminense. E-mail: angelaspoz@gmail.com.

Pretende-se destacar o ponto de vista crítico da autora, que problematiza as relações de gênero em seu país a partir de sua própria experiência de mulher que enfrentou muitos obstáculos para adentrar no universo da produção literária, não abrindo mão desse sonho diante das barreiras impostas pela dominação masculina, e na observação sensível que lança sobre outras mulheres e suas ações e silêncios – como sua avó e sua mãe – num olhar assertivo sobre sua cultura e as injustiças sociais que as mulheres ali enfrentam, assim como em tantos outros lugares do mundo.

Embora se saiba que em África houvesse muitas culturas matrilineares, a colonização europeia lançou sobre os países colonizados imposições culturais cujo viés do patriarcado era marcante. Sob o jugo da colonização portuguesa, Moçambique, com toda a sua diversidade cultural, não ficou incólume a tais influências e também absorveu tais preceitos, como menciona a investigadora Maria Paula Meneses (2008, p.75): “Os discursos coloniais aprofundaram a separação dos papéis de gênero, fomentando uma sociedade racialmente segregada onde homens trabalhavam no espaço público, enquanto mulheres eram relegadas à esfera doméstica”.

Conforme Meneses, observamos que o racismo também é engendrado nessa sociedade, e tais violências são experienciadas pela escritora Paulina Chiziane, que até os dezoito anos viveu sob o regime colonial. Na infância, ela passou por experiências de racismo na escola, conforme relata Henriques (2017, p. 208), quando sua professora a humilhou perante a classe, dizendo que “o branco nasceu para ser superior e o lugar de negro é no chão”.

Segundo relatos da autora em **EU, MULHER...por uma nova visão do mundo** (2016), ela recebe, tanto na família quanto na escola católica que frequenta, as mesmas orientações para se tornar uma mulher obediente e submissa, no intuito de que no futuro se tornasse uma boa dona de casa, “de acordo com o princípio cristão” (CHIZIANE, 2016, p. 17). Essas instituições trataram de afastá-la de seu sonho adolescente de ser pintora, para que seguisse apenas o destino traçado de ser mãe e esposa. No entanto, na impossibilidade de pintar, Chiziane passa a descrever as paisagens que pintaria, se pudesse. E, apaixonada por livros, mesmo com acesso restrito a eles, passa a alimentar o sonho de ser escritora.

No referido ensaio, a autora relata as agruras por que passou para não abrir mão desse sonho, desde a reprovação social, diante do fato de ser mulher e artista, a indiferença dos meios de dominação masculina, as limitações impostas pela manutenção do papel de esposa e mãe, às bombas que estouravam em sua rua enquanto escrevia, durante a Guerra Civil de Moçambique. É nessa época que ela decide usar a sua escrita como espaço para o registro das aspirações da mulher, para que o mundo as visse, mesmo que, ao utilizar suas mãos para essa escrita, fosse como acionar uma bomba sobre sua cabeça, afastando vários obstáculos, fazendo da literatura uma arma de resistência (*Ibidem*, 2016).

Analizamos a produção da escritora moçambicana Paulina Chiziane como uma escrita que parte do olhar de uma mulher e dedica-se a tematizar a condição da mulher num contexto patriarcal legado da colonização portuguesa. A base para tal estudo é o ensaio de sua autoria **EU, MULHER...por uma nova visão do mundo** (2016) e o contexto geral da obra de Chiziane, da qual mencionamos o romance **Niketche: uma história de poligamia** (2015), a título de exemplo de como ela retoma questionamentos que levanta no referido ensaio. Baseamo-nos ainda em obras de pesquisadoras que estudam Moçambique e as marcas que o colonialismo lhe impuseram, como o racismo e o machismo, cujos preceitos excluem as mulheres dos espaços de poder, especialmente, neste caso, do espaço da escrita literária.

Ao ler o referido ensaio de Chiziane, é possível perceber que a análise que ela propõe acerca da condição social das mulheres de sua cultura remete às suas mais remotas memórias “das noites frias à volta da lareira, ouvindo histórias da avó materna” (CHIZIANE, 2016, p. 16), passando pela fase escolar, quando a mesma equipara as orientações sexistas que recebia em casa às da escola, à fase de amadurecimento, quando percebe o que representaria o ato de escrever para ela, deduzindo: “Desabafar, lavando nas águas do rio, como fazia a minha mãe, já não fazia parte do meu mundo” (*Ibidem*, p. 19). Durante todo esse percurso, seguido do casamento, dos filhos, até chegar à realização do sonho de ser escritora, a mesma observa que em todas as etapas, a mulher era sempre subjugada e seu destino limitava-se a casar-se, ser mãe e limitar-se ao espaço doméstico, mesmo que com todo o sofrimento que pudesse sentir com tal condição subalternizada e sem perspectivas. Toda a formação feminina, desde as histórias em torno da lareira, conduzia a tal destino. No entanto, tendo sido leitora na adolescência, alimentando-se do efeito que a literatura nela produzia, já sentindo, na fase adulta, que tudo o que as expectativas sociais de gênero lhe ofereceram não supriam as carências existenciais que a amarguravam, ela constata que o ato de escrever é o reencontro com a possibilidade de sonhar e de transformar a sua realidade, e, por extensão, a das outras mulheres: “Reencontrei, na escrita, o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema [...]. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam, ninguém o fará” (*Ibidem*, p. 21).

Essa reflexão que remete à necessidade de as próprias mulheres exprimirem seus sentimentos da forma que elas desejam perpassa toda a obra de Chiziane. À guisa de demonstração, tomamos o início do ensaio, em que ela problematiza o que dizem o Gênesis bíblico, a mitologia Bantu e tantas outras mitologias, as quais ela considera não “serem mais do que ideologias ditadas pelo poder sob a máscara da criação divina” (*Ibidem*, p. 8) e, logo adiante, questiona: “Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher. Mas como é que seria o mundo se Deus fosse mulher?” (*Ibidem*, p. 11). O mesmo questionamento é retomado no romance **Niketche: uma história de poligamia** (2015), na voz da narradora Rami: “Se Deus existe,

por que nos deixa sofrer assim? [...] Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser invisível como todas nós. O seu espaço, é de certeza, a cozinha celestial” (*Idem*, 2015, p.68) e, ainda em outras vezes no decorrer da narrativa, como quando compara a situação dos homens e das mulheres mediante a poligamia, ela, em meio a abrangentes reflexões, desabafa, falando que “as mulheres são órfãs. Têm pai mas não têm mãe. Têm Deus mas não têm Deusa. Estão sozinhas no mundo no meio do fogo. Ah, se nós tivéssemos uma deusa celestial!” (*Ibidem*, p. 93).

Importante salientar que as datas de publicação do ensaio e do romance das edições brasileiras que utilizamos para este estudo não condizem com as primeiras publicações dos mesmos, a saber: o ensaio consta do ano de 1994 e o romance é posterior, do ano de 2002.

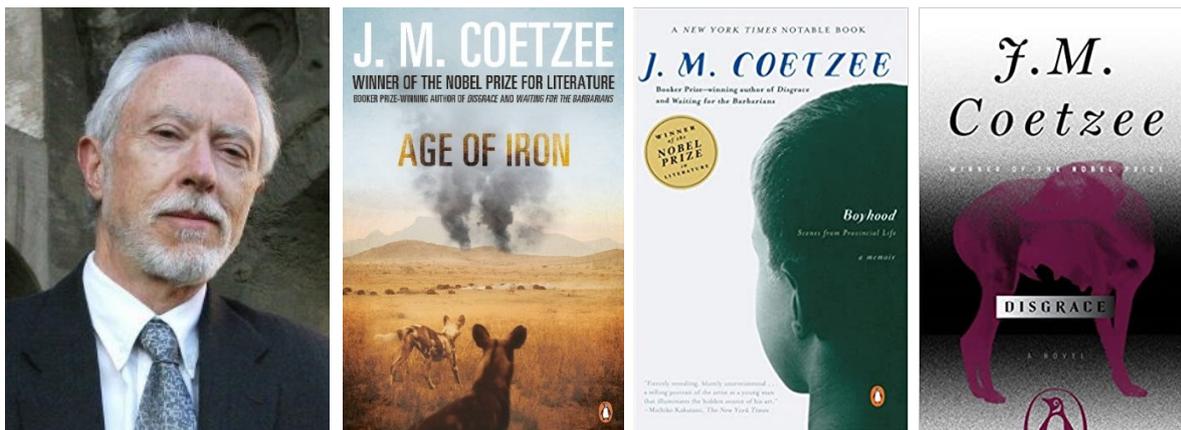
A partir da leitura do ensaio, é possível identificar, lendo outras obras de Chiziane, que ela centraliza o olhar da mulher como perspectiva. Desse modo, concluímos que sua produção propõe uma nova forma de ver o mundo, *pelo* olhar da mulher: imprimindo, em suas personagens e enredos, o que ela sente e vivencia sendo mulher e também – como a responder à pergunta que a autora faz no final do ensaio, escrito há vinte e nove anos: “Depois de todas estas atividades, há uma interrogação que paira na minha mente: será que, escrevendo cada dia mais livros, estou a contribuir com o desenvolvimento da mulher e da sociedade?” (*Idem*, 2016, p. 29) – em prol do desenvolvimento da mulher e da sociedade, em Moçambique e alhures.

REFERÊNCIAS

- CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...** por uma nova visão de mundo. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HENRIQUES, Joana Gorjão. **Racimo em português**: O lado esquecido do colonialismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017.
- MENESES, Maria Paula. Mulheres Insubmissas? Mudanças e conflitos no norte de Moçambique. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 17, p. 71-87, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n17/n17a05.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (org.). **Paulina Chiziane**: vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: 2013.

O APARTHEID NA LITERATURA DE J. M. COETZEE

Ernani Hermes²¹



“A book should be an axe to chop open the frozen sea inside us.”

J.M. Coetzee, *Summertime*²²

Resumo: Esta comunicação tem como propósito analisar as formas de representação do período histórico do apartheid em três narrativas do escritor sul-africano J. M. Coetzee: *Age of Iron* (1990), *Boyhood* (1998) e *Disgrace* (1999). Nesse sentido, analiso como diferentes sujeitos, em situações singulares, percebem o regime do apartheid e como isso influencia na formação das suas tramas subjetivas. Em *Age of iron*, a partir de um conjunto de símbolos, é explorado o modo como o regime segregacionista é percebido por diferentes sujeitos ocupando posições de poder distintas. Em *Boyhood*, primeiro volume da trilogia autobiográfica do autor, as suas memórias da infância são tematizadas focalizando as diferenças nas formulações identitárias em um cenário demarcado pelo preconceito. Já em *Disgrace*, é exposta uma sociedade fraturada no pós-apartheid, na qual as relações sociais são comprometidas pelo ambiente conturbado nos anos que segue ao final do regime. Desse modo, observo a temática do apartheid como um dos fios condutores do fazer literário de Coetzee, que, com diferentes estratégias formais, representa em sua ficção o período de violência e segregação e as consequências deste no tecido social sul-africano.

Palavras-chave: J. M. Coetzee. Apartheid. Literatura Sul-Africana.

²¹ Graduado em Letras – Inglês pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; ernani.hermes@gmail.com

²² “Um livro deve ser como um machado que abre o mar congelado dentro de nós” (Tradução minha).

J. M. (John Maxwell) Coetzee nasceu em Cape Town, África do Sul, no ano de 1940. Aos seus oito anos, em 1948, iniciou-se, oficialmente, o regime que viria a ser conhecido como *apartheid*. O termo em Africâner significa separação, em Inglês, *apartness*. A separação racial, todavia, não é inaugurada nos anos finais da década de 1940. Desde o período colonial formas de segregação e opressão racial estão presente na sociedade sul-africana. Contudo, no ano de 1948, o Partido Reunido Nacional, de caráter nacionalista africâner, teve como uma das principais promessas de campanha o endurecimento das leis de segregação racial. Com esse discurso, Daniel François Malan venceu o pleito e instalou a separação por raças como política oficial de Estado.

A principal divisão compreendia a população branca, descendentes de colonos europeus, principalmente britânicos e holandeses, e as populações de cor – *coloured people* – que não se referia apenas às pessoas negras, mas também imigrantes asiáticos e seus descendentes. Nesse sentido, os serviços públicos, como saúde e educação, eram ofertados de forma inferior às pessoas negras. Bem como, as ocupações dos espaços públicos eram demarcadas pela política segregacionista, havendo os espaços dos brancos e os espaços dos negros.

Denise Almeida Silva, em *The “Standard of the body”: bodily inscriptions in J. M. Coetzee’s novels of the apartheid period* (2000), aponta duas noções que figuram na base das políticas excludentes da África do Sul. A primeira diz respeito a própria concepção de ser humano, em que, no pensamento hegemônico sul-africano da colonização até o *apartheid* conferia uma supremacia ao homem branco europeu e as populações nativas eram tomadas como categorias sub-humanas. A segunda diz respeito à ideia de progresso cultural, que consiste na noção de que as culturas podem ser organizadas em uma linha evolutiva, na qual as culturas locais eram colocadas como atrasadas. Desse contexto, então, erige-se uma hierarquização e, nessa hierarquia, as pessoas negras são colocadas em posições inferiores. Então, há a conformação de uma base filosófica que sedimenta a implementação do regime segregacionista, institucionalizado pelas leis que seguiram à eleição do Partido Reunido Nacional.

Outrossim, concomitantemente, o regime foi fortemente criticado pela comunidade internacional, combinado com movimentos de resistência dentro da África do Sul, que tem como figura central Nelson Mandela. Assim, o presidente Frederick Willem de Klerk inicia um processo de abertura, que culmina em eleições democráticas em 1994, vencidas pelo Congresso Nacional Africano, liderado por Mandela. Este, então, é o marco que coloca fim ao regime que excluiu, separou e submeteu pessoas negras e asiáticas a diversos tipos de violência.

Esse é o cenário histórico e cultural que atravessa a vida de Coetzee, da sua infância até a idade adulta e, por extensão, perpassa o seu fazer literário. Nesse sentido, para esta comunicação, procuro observar como esse período discriminatório é

representado em três narrativas do autor, dois romances e uma autobiografia, respectivamente, *Age of iron* (1990), *Disgrace* (1999) e *Boyhood* (1998).

As formas literárias do *apartheid*: *Age of iron*, *Boyhood* e *Disgrace*

Em *Age of iron*, romance de 1990, traduzido para o Português Brasileiro como *A idade do ferro*, Mrs. Curren é uma paciente terminal com câncer. Durante sua vida, posicionou-se contra os desmandos do *apartheid*, mas nunca viu, de fato, as violências direcionadas às pessoas negras por conta do seu isolamento em território branco. O contato que tem com pessoas negras resume-se a sua empregada, Florence e seus filhos, Bheki, Hope e Beauty.

A partir desse enredo, o leitor pode observar uma série de símbolos e figurações que remetem ao regime discriminatório na África do Sul. O primeiro deles refere-se ao espaço: Mrs. Curren vive em um território de pessoas brancas de classe média, Florence só está autorizada a estar lá porque trabalha para uma moradora branca, bem como seus filhos só podem entrar nesse espaço porque sua mãe ali trabalha. Desse modo, observa-se a segregação: territórios para negros e territórios para brancos.

No decorrer da trama, Mrs. Curren vai, pela primeira vez, para os territórios de pessoas negras para procurar Bheki. Esse é o primeiro contato que a personagem vai ter com os espaços ocupados por negros, nessa incursão ela percebe, pela primeira vez, o *apartheid* na sua face mais violenta, do assassinato de pessoas negras. Nesse momento da trama, a personagem encontra o corpo de Bheki em um pavilhão com os corpos de outros meninos negros mortos. O corpo, aqui, é colocado como um testemunho da violência perpetrada pelos agentes do Estado contra a comunidade negra.

Além do corpo de Bheki, o corpo de Mrs. Curren também figura como um símbolo. O câncer da personagem é uma doença que corrói seu corpo de dentro para fora. Assim como é o *apartheid*, uma doença que degrada o corpo político da nação sul-africana a partir do seu interior.

Boyhood, livro de 1998, publicado no Brasil com o título de *Infância*, inaugura a trilogia autobiográfica *Scenes from provincial life*, que é seguida por *Youth* e *Summertime*. Com um arranjo formal singular, o autor constrói uma narrativa autobiográfica fazendo uso da terceira pessoa gramatical. A partir dessa característica formal, observo um afastamento de si, isto é, para narrar a sua experiência, as memórias da sua infância, ele necessita tomar distância que é alcançada por esse afastamento discursivo. Em minha análise, essa necessidade de se afastar é provocada pelo não entendimento dos estigmas em relação às diferenças no contexto do *apartheid*.

Em um dos momentos da trama, John, personagem, observa o comportamento preconceituoso e discriminatório da mãe em relação a Eddie, um menino negro. Esse contexto de discriminação faz com haja uma desestabilização da identidade do personagem, ou seja, uma desarmonia entre o eu e o mundo. A conciliação entre o eu e o

mundo é alcançada pela projeção da sua experiência na matéria narrativa, pois narrando o narrador/personagem consegue entender o momento histórico e a si mesmo (HERMES, 2020).

Já *Disgrace*, romance de 1999, traduzido como *Desonra*, trata da experiência de David Lurie na África do Sul após o final do *apartheid*. O professor de literatura se envolve com uma aluna, Melaine, o que resulta em uma acusação de assédio sexual. A partir dessa trama, Coetzee expõe uma sociedade fraturada pelos anos de violência que precederam, bem as relações sociais delicadas: homem e mulher, pai e filha, brancos e negros.

Considerações finais

Pelas considerações feitas a partir das narrativas elencadas, posso observar as diversas violências em face das diferenças que tomam forma na produção literária de Coetzee. Por meio de recursos formais diversos, o autor projeta por meio de sua obra as diferentes formas de percepção do período histórico do *apartheid* por sujeitos distintos: mulher branca de classe média, criança branca, mulher negra, criança negra e homem branco. Ademais, ao observar a obra do autor de uma forma panorâmica, pode-se perceber o regime segregacionista em diferentes momentos: os primeiros anos, na década de 1950, pelas memórias da infância, em *Boyhood*; os piores momentos de violência com a morte das crianças negras em *Age of iron* e as cicatrizes desse período discriminatório em *Disgrace*.

REFERÊNCIAS

- COETZEE, J. M. *Age of iron*. New York: Penguin, 1990.
- COETZEE, J. M. *Boyhood: scenes from provincial life*. New York: Viking Penguin, 1997.
- COETZEE, J. M. *Disgrace*. London: Vintage Books, 2011.
- HERMES, Ernani Silverio. *O reconhecimento de si na narrativa: a projeção do eu como outro em Boyhood, de J. M. Coetzee*. 2020. 1 v. Monografia - Curso de Letras - Língua Inglesa, Departamento de Linguística, Letras e Artes, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2020.
- SILVA, Denise Almeida. *The “Standard of the body”: bodily inscriptions in J. M. Coetzee’s Novels of the Apartheid Period*. 2000. 1 v. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras (Literaturas de Língua Inglesa), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

“RIQUEZA” LITERÁRIA EM MIA COUTO: UM OLHAR EM NEOLOGISMOS, PROVÉRBIOS E CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS EM TERRA SONÂMBULA E O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO

Machaia Muhammade Mualaca²³



Mia Couto; Foto: Divulgação.

Resumo: O estudo de e sobre a “Riqueza” literária em Mia Couto: *Um olhar em Neologismos, Provérbios e Construção de Personagens em Terra Sonâmbula e O Último Voo do Flamingo* tem a ver com o gosto pela literatura, pelos estudos literários moçambicanos vinculados aos estudos culturais na vertente de Stuart Hall. Estudar a cultura e a história de um povo é algo potente e benéfico para a ciência, para as atuais gerações e as do amanhã. O objetivo deste estudo é apresentar neologismos, provérbios e construção de personagens em *Terra Sonâmbula* (1992) e *O Último Voo do Flamingo* (2000) como uma das maiores riquezas literárias em Mia Couto. É o contributo singelo para a literatura moçambicana, africana e do mundo no que se refere à representação do objeto do estudo na edificação e promoção da Literatura Moçambicana. Metodologicamente, optámos por uma pesquisa exploratória, com uma abordagem qualitativa e traduzida a partir do método de análise de conteúdo, isto significa que os fatos são observados, apresentados e interpretados com base nos textos indicados. Finalmente, os resultados que obtivemos prende-se com o fato de experiências e vivências culturais serem o apanágio dos textos, onde os neologismos, provérbios e construção de personagens são uma das maiores riquezas literárias em Mia Couto. Consequentemente, concluímos que o seu reconhecimento e desconstrução é uma plataforma de convivência amena entre os povos de diferentes tempos, contextos e culturas.

Palavras-chave: Neologismos; Provérbios; Construção de Personagens em Mia Couto.

²³ Doutorando e bolsista da CAPES no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Licungo em Moçambique.

Introdução

Este trabalho intitulado “Riqueza” literária em Mia Couto: Um olhar em Neologismos, Provérbios e Construção de Personagens em *Terra Sonâmbula* e *O Último Voo do Flamingo*, surge no âmbito do convite que tivemos da Revista África e Africanidades, periódico brasileiro, online totalmente independente, para participarmos do *I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas*, ficamos honrados e vimos uma oportunidade ímpar de tecer e partilharmos de e sobre a nossa casa (Moçambique e África) por meio da literatura, com base em textos de um dos maiores e melhores escritores africanos e do mundo atual, Mia Couto. É importante destacar que o título acima mencionado consta dos resultados obtidos na Dissertação de Mestrado do autor, intitulada *A dimensão multicultural em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto: uma perspectiva da representação de relações de poder* (2014).

Terra Sonâmbula retrata uma terra chamada Moçambique que faz parte deste planeta e ela ainda “dorme”, reporta sim o sonho e a realidade de um povo oprimido pela guerra. Isto é, o romance trata da instabilidade do país causada pela guerra (primeiro a colonial e, neste romance, a civil), onde um menino procura a sua família em plena guerra. Daí, a falta de descanso da terra que permanece “sonâmbula”. A narrativa gira em volta de duas histórias que se interligam, a da realidade e a do sonho protagonizadas pelos intervenientes da mesma. E *O Último Voo do Flamingo* é igualmente consequência da guerra dos 16 anos entre os partidos da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) que ainda está no poder e governa o país e da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) que é o maior partido de oposição em Moçambique.

O Último Voo do Flamingo é particularmente rico nestas denúncias por se tratar de um romance que retrata o pós-guerra e o processo de reconstrução e desminagem das áreas atingidas pelo conflito. Este seria o problema enfrentado pela cidade de Tizangara que recebe a delegação incumbida de desvendar o mistério das explosões que estavam acometendo nos soldados da ONU, “os boinas azuis”.

Deste modo, o problema deste estudo prende-se com o desconhecimento das peculiaridades nas Literaturas especificamente moçambicanas e de modo geral africanas, o que promove leituras discutíveis e por vezes equivocadas por parte de alguns teorizadores e literatos, a considerar a imensidão do continente, isto é, o continente africano tem mais de cinquenta países (50) que apresenta vários e diferentes povos, consequentemente várias línguas e culturais. Isto requer muitos e vários estudos específicos e detalhados com determinada profundidade.

Este estudo tem como objetivo principal apresentar a riqueza literária em Mia Couto a partir de neologismos, provérbios e construção de personagens retiradas de trechos textuais de *Terra Sonâmbula* (1992) e de *O Último Voo do Flamingo* (2000). Por isso que convocamos vários escritores, estudiosos e teóricos, como por exemplo: COUTO (1992 e 2000), LARANJEIRA (1995), LEITE (2004), NOA (2008), BHABHA (1994), FOUCAULT (s/d), SPIVAK (1988) entre outros para nos ajudar adentrar nas profundezas e peculiaridades das Literaturas Africanas e não só. Pautamos por uma pesquisa qualitativa para nos permitir a apresentação e descrição das nuances específicas que embasam estas literaturas e, obviamente, o nosso foco não é quantificá-lo em termos estatísticos. Escolhemos especificamente o gênero conto/romance que se enquadram no

modo literário narrativo por ser mais destacado e destacável pelo autor textual, mesmo sabendo de várias características de escrita que constituem o seu estilo, desde a sua formação/gênese jornalística, em Biologia e que mais se revela na de escritor moçambicano contemporâneo. Descrito desta maneira, salientamos que Mia Couto para além de escrever textos narrativos, escreve também poemas e ensaios. Deste modo, estruturamos este trabalho em três subpartes fundamentais, desde a introdução que envolve também a metodologia, seguida da apresentação dos *corpus* dos textos como demonstrativos das ocorrências dos neologismos, provérbios e construção de personagens em Mia Couto e terminámos com as considerações finais que englobam as constatações, resultados e conclusões para além das respetivas referências bibliográficas.

Neologismo, provérbios e construção de personagens em Mia Couto

Antes de adentrarmos restritamente na apresentação dos neologismos, provérbios e construção das personagens em Mia Couto, não é menos importante destacar que os estudiosos africanos confrontam-se quase sempre com a questão problemática ligada ao colonialismo e, dificilmente se delimitam campos de atuação da Literatura colonial e não colonial, pelas razões descritas por Francisco Noa (2008, p.29) que vão desde o desconhecimento do que é literatura colonial, a base precária do conhecimento do que é literatura, o despertar da amargura do passado colonial e pelo que pode pôr em causa alguns segmentos e plataformas da conjuntura atual de convivência sociocultural. Como se pode notar também que “a literatura colonial se caracteriza justamente pelo facto de os seus cultores não abdicarem da sua identidade, das referências culturais e civilizacionais dos seus países, embora tentem mostrar-se integrados no meio e na sociedade nova de que fazem parte” (TRIGO, s/d). Francisco Noa (2008, p.29) e Salvato Trigo (s/d) demonstram o quão é problemática a discussão dos estudos coloniais, bem como a sua integração na atualidade. Assim, a identidade é marca caracterizadora do indivíduo, o povo de *Tizangara e os intervenientes de Terra Sonâmbula* fazem parte desta herança/ legado mais ou menos promíscuo, na medida em que há coabitação de várias etnias e pessoas com distintas visões do mundo. Mas é claro que a identidade africana/ moçambicana é a mais “cultivada” nos textos. Como se destaca no trecho da crença dos habitantes de *Matimati* (TS) que relata o seguinte:

Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho. (COUTO, 1992. p. 6)

E pelo trecho de dito de *Tizangara* (UVF): “o mundo não é o que existe, mas o que acontece”, alicerçado pela teoria dos estudos culturais mais evidenciado pelo Jamaicano que esteve radicado na Inglaterra, Stuart Hall. Assim, Os Estudos Culturais são muito mais que uma disciplina e de acordo com Sovik (2015, p.161) é um campo “segundo Foucault, de formação discursiva, reconhecível e contraditória ao mesmo tempo”. Dentro disto encontramos a identidade como valor de “pertencimento” (HALL, p.9, 2015). São alguns pertencimentos que vamos aflorar aqui e agora por meio dos neologismos, provérbios e construção de personagens em Mia Couto. A sua apresentação e representação cultural movem o conectar “o sentido e a linguagem à cultura” Stuart Hall (2016, p.31).

É importante destacar que Rosário (1989) fala da oralidade como característica das literaturas africanas, LEITE (2004), com *Literaturas Africanas e Formações Pós-*

Coloniais nos apresenta o percurso destas e sua formação para além dos seus cultores. Nesta esfera, Pires Laranjeira (1995) afirma que existem cinco períodos da Literatura Moçambicana, desde o primeiro (“incipiência”), o segundo (“prelúdio”), o terceiro (“formação”), o quarto (“desenvolvimento”) e finalmente o quinto, o da (“consolidação”). Assim, Mia Couto é enquadrado no “5.º período da literatura moçambicana, o da consolidação”, de acordo com (LARANJEIRA, 1995, p.262). Este mesmo autor (1995) avança descrevendo os quatro componentes que fascinam o leitor nos textos de Mia Couto, “a criatividade e inventividade da linguagem, o realismo, a intromissão do imaginário ancestral do fantástico e o humor”.

Deste modo, as Literaturas Africanas procuram representar o sentimento africano/moçambicano que decorre de uma sensibilidade comum de africanidade ligadas à Negritude e ao Pan-Africanismo de um lado e das transformações sociais, culturas, linguísticas, económicas e financeiras para além de tecnológicas das suas origens e do mundo na globalidade, por outro lado. Espaço e contextos suficientes de pensar no local sem menosprezar o global e vice-versa. É assim que nos servimos do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea (2001) para afirmarmos que neologismos tem a ver com palavra ou frase nova e com sentido também novo numa determinada língua, enquanto provérbios são expressões tradicionais de (re)conhecimento do senso comum de um determinado povo e, finalmente, personagem é um dos elementos/intervenientes da narrativa.

Exemplos de neologismos (fonológicos, semânticos, sintáticos para além de derivados), provérbios e construção de personagens em Mia Couto:

Trechos textuais de TS e UVF	Neologismos	Provérbios	Construção de Personagens
<i>Terra Sonâmbula</i> (1992)	Doer uma tristeza, (enfático/ardente, p.13)	<i>Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora.</i>	Muidinga: protagonista da história que perdeu a memória.
	Olhar para alguém como o milho para o pilão (comparação, p.162)	<i>Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho.</i>	Tuahir: velho sábio que guia Muidinga depois da guerra.
	Machamba, (roça p. 54)	<i>[...] Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva [...]</i>	Kindzu: menino morto que escreveu seu diário.
	Biznés, (inglês business p.113)	<i>Em terras de cego quem tem um olho fica sem ele, p.140.</i>	Farida: mulher com quem Kindzu tem uma relação.
	Sacudu: (francês <i>sac au dos</i> ; mochila p.258)	<i>Contra argumentos não há factos, p.180</i>	Romão Pinto: português e pai de consideração de Farida.

O Último Voo do Flamingo (2000)	<i>Espanpanâncias:</i> (com pompas e circunstâncias, p.30)	<i>O mundo não é o que existe, mas o que acontece,</i> p.15	Massimo Risi: italiano encarregado pela ONU
	<i>blá-blá:</i> (assuntos triviais, p.33)	<i>O que não pode florir no momento certo acaba explodindo depois,</i> p.23	Sulpício: pai do tradutor
	<i>chuva de molhar vento:</i> (agitação, p.18)	<i>Os filhos se parecem com água andante, o irrecuperável curso do tempo,</i> p.47	Estêvão Jonas: administrador da vila
	<i>logo-logo:</i> (rapidez, p.49)	<i>Quem conhece a sujidade do muro é o caracol que trepa na parede,</i> p.84	Ana Deusqueira: primeira e única prostituta de Tizangara
	<i>bem-bem:</i> (clareza, p.87)	<i>A vida é um beijo doce em boca amarga,</i> p.145	Zeca Andorinho: maior feiticeiro de Tizangara

Fonte: Adaptado pelo autor.

Considerações finais

Constatamos a presença de vários neologismos (palavras novas com sentidos também novos), provérbios (conhecimento tradicional de senso comum) e construções de personagens (nomes com valor simbólico ético, representativo e antropológico) em *Terra Sonâmbula* (TS) bem como em *O Último Voo do Flamingo* (UVF). Temos como resultados os nomes, principalmente nativos, com uma forte simbologia cultural, visto que eles exprimem e expressam a vida dos respectivos povos, o quotidiano, as transformações socioculturais, econômicas e até políticas vividas pelos habitantes de *Matimati* (em TS) e de *Tizangara* (em UVF) que simbolizam Moçambique. Notamos com base nos textos que Moçambique é um país com uma diversidade cultural e multilingue. Vimos igualmente que há um poder criativo do uso da língua nos textos, presença da oralidade, espontaneidade e palavras aglutinadas que fazem parte das características das línguas *bantu* (africanas) no processo da configuração e narração textual, Mia Couto marca assim a afirmação da identidade nacional moçambicana. Em outras palavras, as marcas, as identidades e representações culturais veiculadas nos textos acima mencionados são chamadas de moçambicanidade literária. Isto nos permite, finalmente, concluir que os neologismos, provérbios e construção de personagens nos textos *Terra Sonâmbula* e *O Último Voo do Flamingo* são uma das grandes riquezas literárias em Mia Couto.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, K. H *The Location of Culture*. London, Routledge, 1994.
- CHIZZOTTI, António. **Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. São Paulo, Cortez Editora, 2000.
- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Lisboa, Editorial Caminho, 1992.

_____. **O Último Voo do Flamingo**. Maputo, Ndjira, 2000.

Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa. Vol. II G – Z. Lisboa, Verbo, 2001.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes e RAITZ, Tânia Regina. *As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas*. **Rev. Adm. Pública** vol.44 no.2 Rio de Janeiro Mar./Apr. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122010000200008>. Consultado em 10.02.2014.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. RJ, Lamparina, 2015.

_____. **Cultura e Representação**. RJ: Editora PUC-Rio, 2016.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formações Pós-Coloniais**. 2.ª Edição. Maputo, Imprensa Universitária – UEM, 2004.

MUALACA, Machaia Muhammad. **A Dimensão Multicultural em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto: uma perspectiva da representação de relações de poder**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Ciências de Educação/Ensino de Português) da Universidade Pedagógica, Maputo, 2014.

NOA, F. **A Letra, a Sombra e a Água - ensaios & dispersões**. Maputo, Texto Editores, 2008.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. Paracambi, Faetec/IST, 2007.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A Narrativa Africana de Expressão Oral**. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

SOVIK, Liv. **A trajetória intelectual de Stuart Hall: As liberdades complexas do pensar**. Centro de Pesquisa e Formação. RJ: Escola de Comunicação da UFRJ. Nº 1, nov / 2015.

TRIGO, Salvato. **Ensaio de Literatura Comparada: Afro-luso-brasileira**. Lisboa, Vega, s/d.

SPIVAK, C. G. **“Can the Subaltern Speak?”** (1988). In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G. & TIFFIN, H. *The Empire Writes Back – Theory and practice in pos-colonial Literatures*. London and New York, Routledge, 1989.

MESAS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL LENDO, PESQUISANDO E ENSINANDO LITERATURAS AFRICANAS



Realizado pela Revista África e Africanidades, entre os dias 03 a 07 de maio de 2021, o I Simpósio Internacional Lendo, Pesquisando e Ensinando Literaturas Africanas, reuniu 26 palestrantes e 15 mediadores (as) do Brasil, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau, a partir de mesas redondas, palestras e entrevistas com escritores (as), estudantes de graduação e pós-graduação, docentes da Educação Básica e Superior, jornalistas e pesquisadores (as). O simpósio online e com acesso gratuito teve por objetivo aproximar os diálogos entre escritores (as) africanos e leitores (as) brasileiros (as) bem como trazer reflexões em torno das literaturas africanas, de forma a evidenciar a pluralidade da mesma e possibilitar novas leituras, práticas de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo assim para a formação de epistemologias decoloniais em torno das literaturas produzidas pelos diversos territórios africanos. Ao longo dos intensos debates foram trazidas vozes e análises críticas das literaturas africanas em língua portuguesa como as produzidas em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau,

Foram trazidas de forma direta reflexões em torno das literaturas dos (as) seguintes escritores (as): Vera Duarte (Cabo Verde), João Melo (Angola), Celso Manguana (Moçambique), Paulina Chiziane (Moçambique), Mia Couto (Moçambique), Ondjaki (Angola), Olinda Beja (São Tomé e Príncipe), Scholastique Mukasonga (Ruanda), Dionísio Bahule (Moçambique), Eliseu Banori (Guiné-Bissau), J.M. Coetzee (África do Sul), José Eduardo Agualusa (Angola), Félix Sigá (Guiné-Bissau), Odete

Semedo (Guiné-Bissau). A organização do simpósio também realizou uma campanha de incentivo à leitura de livros de literaturas africanas, a partir da qual estudantes, docentes e leitores (as) em geral foram mobilizados a produzirem vídeos compartilhando leituras dos livros favoritos. O material produzido foi disponibilizado no canal do youtube da Revista África e Africanidades antes e durante o evento.

- **03 DE MAIO DE 2021**

MESA VOZES DAS LITERATURAS DE CABO VERDE E ANGOLA



Convidada: Vera Duarte de Pina (Cabo Verde) é jurista e escritora. Publicou dezenas de livros, tais como: *Amanhã amadrigada* (1993), *O arquipélago da paixão* (2001), *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005), *A candidata* (2003), *Exercícios poéticos* (2010) e *Construindo a utopia* (2007), *Cabo Verde, um roteiro sentimental* (2019), *De Risos e Lágrimas* (2018), além de participação em antologias diversas. Foi presidente da Comissão Africana do Direito dos Homens e dos Povos, Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania de Cabo Verde e ministra da Educação e Ensino Superior de 2008 a 2010. **Lopito Feijó** (Angola): escritor de dezenas de livros dos quais podemos destacar *Doutrinárias Lâminas Doutrinárias* (2018), *Geração da Revolução* (1993), *África da Palavra* (1995), *Coração telúrico* (2015), *Desejos de Aminata* (2014) dentre outros, além da organização e participação em várias antologias. Membro fundador da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL) e do Coletivo de Trabalhos Literários Ohandanji e membro da União de Escritores Angolanos

(UEA). Presidente da Sociedade Angolana do Direito do Autor (SADIA) e diretor da Gazeta dos Autores. Tem obras publicadas no Brasil, Portugal, Espanha, Estados Unidos, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Nigéria.

Mediação: Nágila Oliveira dos Santos – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Nangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).

Mediação: Ricardo Riso - doutorando em Letras - Estudos Literários (UFJF) e mestre em Relações Étnico-Raciais (CEFET-RJ). Coordenador editorial da Kitabu Livraria Negra e Editora. Organizou, com Henrique Freitas, o livro de ensaios “Afrozomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira”.

Por questões técnicas não foi possível a participação do convidado **Lopito Feijó**, poeta, ensaísta e crítico literário angolano.

MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DE GUINÉ-BISSAU E MOÇAMBIQUE

A mesa trouxe para o público a apresentação dos seguintes trabalhos:

- *Djênia e Sonéa: livros, leituras e leitores de Guiné-Bissau*. **Denilson L. Santos**, autor do livro “Para além da tragédia: África e Brasil sob olhar literário. Nesse momento, realiza pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (DMMDC – UFBA). É líder Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Cultura Intelectual e Linguagens (GEPECIL). Além disso, é Bolsista Produtividade, CNPq Docente da UNILAB.

- *Félix Sigá ou a poesia como arqueologia da realidade*, por **Rocludelo N.P.S. Nanque**, natural da Guiné-Bissau, mas reside em Recife onde graduou-se em Letras pela UFPE. É mestre e doutorando em Teoria da Literatura pelo PPGL/UFPE. Pesquisa sobre a literatura africana em geral. Tem interesse por temas como tradição, linguagem, diáspora, nação, memória, etc.

Mediação: Nágila Oliveira dos Santos – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras”

(2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).

Por questões técnicas a convidada **Nilza Laice**, Professora do Departamento de Teatro da Universidade Eduardo Mondlane (UEM-Moçambique) e Doutoranda do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB) não participou da mesa.

Clique **aqui** e assista.

MESA OLHARES SOBRE A LITERATURA DE MOÇAMBIQUE

A mesa trouxe para o público a apresentação dos seguintes trabalhos:

- ***Do estrondo a descoberta: como a serendipidade movimentou as mulheres em Niketche***, de **Taís Abel**, _ Doutoranda em Letras Vernáculas (UFRJ), Mestre em Literaturas Africanas e Especialista em Literaturas Africanas (UFRJ)

- ***A mediação literária e as relações de afetividade: um caso platônico de amor com Mia Couto***, de **Rosângela Marquezi**, _ Mestre em Educação (UNESP), graduada em Letras (CEFET-PR/UNED-PR) e docente da UTFPR Câmpus Pato Branco

Mediação: Lisiane Nieldsberg - Licenciada em Letras (FURG). Esp. em Educação para a Diversidade (UFRGS). Professora da educação básica. Coord. do Projeto Desvendando & da Desvendando Estilos. Consultora em educação no cárcere & antirracista. Membro do GP Escritas do Corpo Feminino (UFRJ); GE Palavra Mundo (UFRGS); GT Literatura Afro-Brasileira da Revista África e Africanidades; MNU (RS).

Mediação: Érica Azevedo - É graduada em Letras Vernáculas e Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É escritora e professora. Participou de diversas coletâneas. Autora de Vida em poesias (Edições MAC/ Feira de Santana, 2002), Outros eus (Kalango, 2013), A chuva e o labirinto (Mondrongo, 2017), Cata-vento de Sonhos (Mondrongo, 2019).



Clique [aqui](#) e assista.

• 04 DE MAIO

DIALÓGO COM O ESCRITOR MOÇAMBICANO CELSO MANGUANA

Convidado: Celso Manguana _ Escritor e jornalista moçambicano.

Mediação: José Manuel Mussunda da Silva - Bacharel em Humanidades (UNILAB) e Pós-Graduando Ensino de Sociologia (INEEAD).

Mediação: Thomas Dreux Miranda Fernandes _ Graduação em História pela Universidade (USP), Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciado em História (USP), Mestre em Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação DIVERSITAS - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - FFLCH – USP. Doutorando na *Università degli Studi di Cagliari,- Facoltà di Studi Umanistici no Programa de Storia, Beni Culturali e Studi Internazionale.*



Clique [aqui](#) e assista

PALESTRA "A MULHER DE PÉS DESCALÇOS" QUE HABITA EM MIM

Convidada: Eliane Silva _ Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa/Inglesa) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2004). Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2009). Doutoranda em Literatura Comparada - UFF (2020). Pesquisadora vinculada ao CEPEGRE/UEMS. Autora do Livro: *Virgin Mary - The Titles of an unique woman.*

Mediação: Nágila Oliveira dos Santos – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-

Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).

Mediação: Thomas Dreux Miranda Fernandes _ Graduação em História pela Universidade (USP), Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciado em História (USP), Mestre em Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação DIVERSITAS - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - FFLCH – USP. Doutorando na *Università degli Studi di Cagliari*, - *Facoltà di Studi Umanistici no Programa de Storia, Beni Culturali e Studi Internazionale*.



Clique [aqui](#) e assista.

PALESTRA OLINDA BEJA EM POESIA E PROSA

- Convidada: **Thaise Santana**, doutoranda em literaturas na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do GPAfro (UESC). Professora da rede estadual de Minas Gerais (SEE/MG). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Escritora e semeadora de literaturas.

Mediação: Nágila Oliveira dos Santos – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da

Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Nangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique [aqui](#) e assista.

MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DA ÁFRICA DO SUL E ANGOLA

A mesa trouxe para o público a apresentação dos seguintes trabalhos:

- *Olhares sobre o Brasil na obra de José Eduardo Agualusa, olhares sobre Agualusa na pesquisa e ensinamentos brasileiros*, de *Alex França*. Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia, Especialização em Metodologia do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (FACE), Mestrado em Letras (UFBA) e Doutorado em Letras (UFBA). Desenvolve pesquisa sobre literatura, fotografia e cinema de países africanos e afrodiáspóricos. Tem poemas e textos acadêmicos publicados em livros, revistas eletrônicas e impressas, e em anais de eventos nacionais e internacionais. Possui experiência docente na educação básica, técnica e superior (graduação e pós-graduação). Atua na curadoria e crítica de cinema. É membro do conselho editorial da Revista África e Africanidades.

- *O apartheid na literatura de J.M.Coetzee*, de *Ernani Hermes*. Graduado em Letras - Inglês (URI), membro do conselho editorial e coordenador do GT de Literaturas Africanas e Afrodiáspóricas de Língua Inglesa da Revista África e Africanidades.

Mediação: *Alessandra Gomes* - Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Puc - Rio, com bolsa CAPES desde 2019. Tem mestrado pelo mesmo programa, com a dissertação "Por uma poética dos sentidos: a literatura no contexto da surdez" (2016). Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. Desde 2006, é professora de Ensino Básico e Educação Tecnológica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Colunista e membro do conselho editorial da Revista África e Africanidades.



Clique **aqui** e assista.

• **05 DE MAIO**

MESA EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E DECOLONIAL: DA BIBLIOTECA À SALA DE AULA

Convidada: *Franciéle Garcês* (UFMG/Nyota/Quilombo Intelectual) Bibliotecária negra, Mestra em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ) e Doutoranda em Ciência da Informação (PPGCI/UFMG). Idealizadora do Quilombo Intelectual e uma das coordenadoras do Selo Editorial Nyota. Integra o Grupo de Trabalho Relações étnico-raciais e Decolonialidades (GT RERAD/FEBAB). Associada à *Black Caucus da American Library Association* (BCALA). Organizadora e autora de livros escritos sobre e por pessoas bibliotecárias negras, assim como epistemologias negras e perspectivas críticas e decoloniais no campo biblioteconômico-informacional.

Convidada: *Ketty Valencio* - Livraria Africanidades Possui graduação em Biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2008). Tem experiência na área de História, com ênfase em História. Possui pós-graduação lato sensu, em Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão, pela Fundação Getúlio Vargas (SP) e também é pós-graduanda no curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela UNIFESP.

Mediação: *André Luiz dos Santos Silva*, - Criador e diretor da Revista África e Africanidades. Possui graduação em Biblioteconomia (UNIRIO), Especialista em Gestão Bibliotecas Escolares, organizador da coletânea Cadernos África e Africanidades, com 7 volumes temáticos nas áreas de literaturas, educação para as relações étnico-raciais, religiosidade afro-brasileira e história da África e do negro no Brasil.

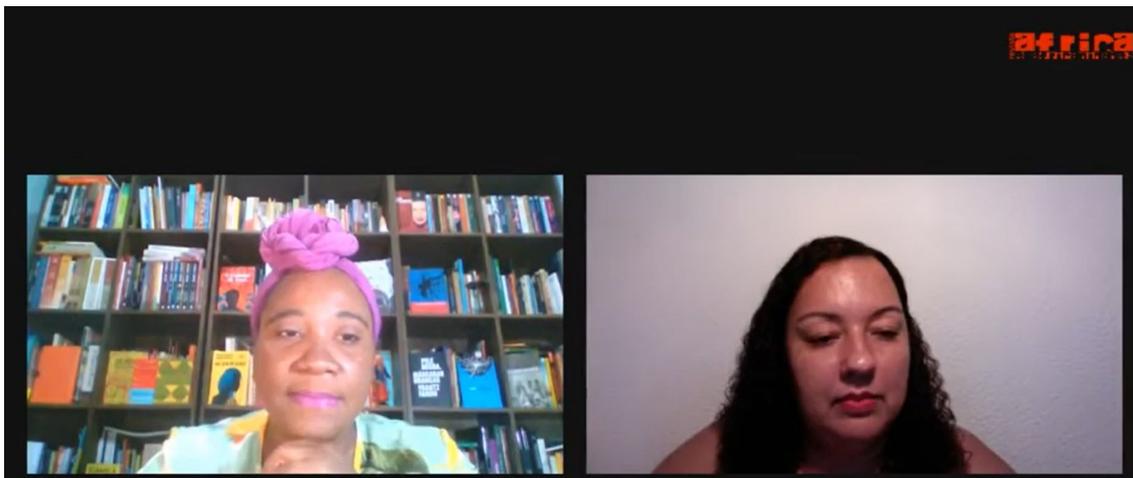
Mediação: *Luane Porto* _ Bibliotecária e membra do conselho editorial da Revista África e Africanidades.

Clique [aqui](#) e assista.

PALESTRA ONDJAKI E ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL ANGOLANA

Convidada: *Alessandra Gomes da Silva* - Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Puc - Rio. Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras. Desde 2006, é professora de Ensino Básico e Educação Tecnológica do INES, atuando nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão. Em 2019, tornou-se colunista voluntária da Revista África e Africanidades. Tem interesse nos temas: arte e educação antirracista, feminismo negro, acessibilidade e diversidade cultural, narrativas audiovisuais, leitura, literatura e surdez.

Mediação: *Nágila Oliveira dos Santos* – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique **aqui** e assista.

MESA VOZES E OLHARES SOBRE A LITERATURA MOÇAMBICANA

A mesa trouxe para o público a apresentação dos seguintes trabalhos:

- ***Depois da morte da literatura: Que estéticas para o novo século?***, de **Dionísio Bahule** - Filósofo e Crítico de Arte; Professor de História da Arte, Cultura Visual, Ergonomia e Estética e História e Crítica do Design na Universidade Pedagógica de Maputo. Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique as Disciplinas de Semiótica e Semiologia Visual, Estética e Escrita Criativa. É ator, músico e escritor. Tem vários textos publicados entre revistas, jornais e sites de especialidade para crítica artística. Publicou em 2019 – o livro: Fotojornalismo [OU] a Gramática das Sensações. E em breve – publicará A Voz do Cárcere com Paulina Chiziane. É Professor convidado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

- ***“Riqueza” literária em Mia Couto: Um olhar em Neologismos, Provérbios e Construção de Personagens em Terra Sonâmbula e O Último Voo do Flamingo***, de **Machaia Mualaca** – pesquisador e docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Licungo.

Mediação: Nágila Oliveira dos Santos – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Nngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique [aqui](#) e assista

MESA DIÁLOGOS COM JOÃO MELO

Convidado: *João Melo* – Escritor angolano com dezenas de publicações em diversos países, sendo muitas destas traduzidos para outros idiomas. É um dos membros fundadores da União dos Escritores Angolanos. É também jornalista, publicitário, advogado, docente universitário e atualmente deputado da Assembleia Nacional de Angola.

Mediação: *Elisabete Nascimento* - Graduada em Licenciatura em Letras Português/Literatura (UFRJ) Mestrado em Ciência da Literatura (UFRJ) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ). Escritora e pesquisadora de literatura afro-brasileira.

Mediação: *Nágila Oliveira dos Santos* – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



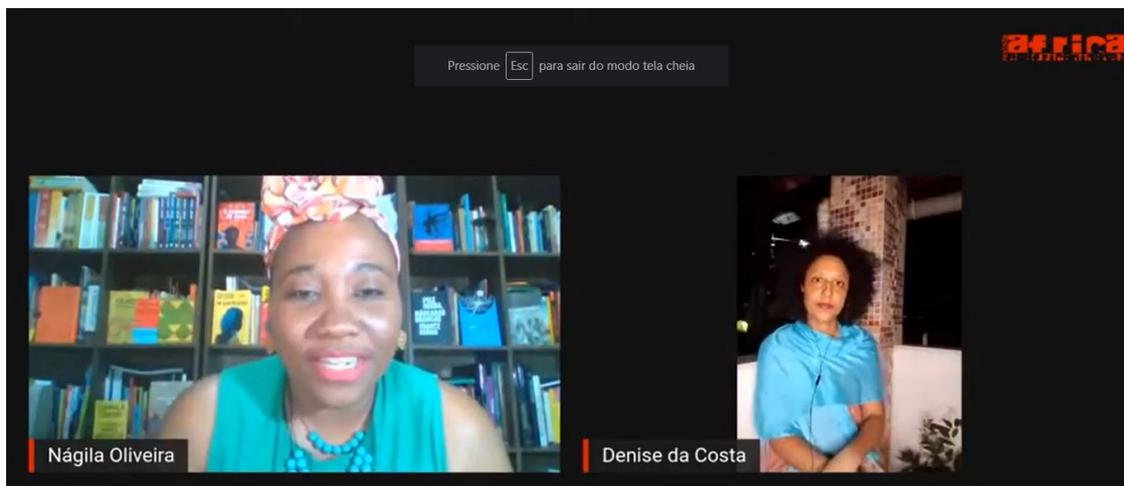
Clique [aqui](#) e assista.

- **06 DE MAIO**

PALESTRA PAULINA CHIZIANE E O MAGNETISMO FEMININO

Convidada: Denise Costa - Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da integração da Lusofonia Afro-brasileira. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Convidada: Denise Costa - Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da integração da Lusofonia Afro-brasileira. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Mediação: Nágila Oliveira dos Santos – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Nangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique **aqui** e assista

MESA OLHARES SOBRE A LITERATURA MOÇAMBICANA

A mesa trouxe para o público a apresentação dos seguintes trabalhos:

- *A literatura de Paulina Chiziane e o feminismo negro*, de *Érica Luciana* - Doutora em Estudos Literários (UFMG), docente do IFF.

- *Dimensões ensináveis e configurações da violência em O regresso do morto, de Suleiman Cassamo*, de *Sarah Forte* - Mestre em estudos literários pela UFC. Doutora em estudos literários pela UFMG. Leciona no setor de literaturas da língua portuguesa na Universidade Estadual do Ceará.

- *Paulina Chiziane: (Escre)Ver o mundo pelo olhar da Mulher*, de *Ângela Gomes*, - Doutoranda em Estudos de Literatura - Literatura Comparada (UFF). Mestra em Letras - Literatura Brasileira e Teorias da Literatura (UFF). Professora de Língua Portuguesa e Literatura (IFF). Membro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) e da Associação de Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC). Participante do grupo de Estudos "Perspectivas Pós-Coloniais: Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa" (NEPA/UFF).



Clique [aqui](#) e assista.

MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DOS PAÍSES DA CPLP

A mesa trouxe para o público a apresentação de trabalhos dos seguintes convidados:

- **Fausto Antônio** - É escritor e autor, entre outros, dos livros (prosa) Exumos, Vaníssima Senhora, Descalvado e Vinte Anos de Prosa; (poesia) Fala de Pedra e Pedra, Linhagem de Pedra, Outra Pessoa, Elegia de Descalvado e Vinte Anos de Poesia; (teatro) De que valem os portões, Arthur Bispo do Rosário, o Rei, Rutília e Estamira e Patuá de Palavras; (Infantil), No Reino da Carapinha, publica anualmente na coetânea Cadernos Negros. É atualmente professor efetivo da UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - São Francisco do Conde - Bahia. Doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas.

- **Chris Jones** - Especialista em Literaturas Africanas, Membro do Grupo Escritas do Corpo Feminino e do GT de Literaturas Afro-Brasileiras da Revista África e Africanidades.

- **Mediação: Nágila Oliveira dos Santos** – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Nngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).

Mediação: João V. S Campos - Graduando em Comunicação Social e membro do conselho editorial da Revista África e Africanidades.



Clique [aqui](#) para assistir.

- **07 DE MAIO**

MESA OLHARES SOBRE AS LITERATURAS INFANTIS E INFANTOJUVENIS AFRICANAS

Convidada: Eliane Debus - Doutora em Letras, Professora da UFSC. Líder do Grupo de Pesquisas "LITERALISE" e autora de livros acadêmicos e para infância.

Convidada: Edyanna Barreto - Doutoranda em Literatura comparada (UFF), docente da Educação Básica na rede municipal de Nova Iguaçu.

- **Mediação: Nágila Oliveira dos Santos** – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique [aqui](#) e assista.

PALESTRA O ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS E AFRODIASPÓRICAS COMO ESPAÇO DE (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Convidada: *Ametista de Pinho* - Professora da rede pública de ensino do Estado do Ceará, desde 2014. É graduada em Letras Português/Literatura (2014) pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em Semiótica Aplicada à Literatura e Áreas afins (2018), mestra em Linguística Aplicada (2019), e atualmente, desenvolve pesquisa de doutorado sobre a escrita literária de autoria negra em uma interface entre a Abordagem discursiva das representações sociais e a Literatura (PosLA/UECE).

Mediação: *Nágila Oliveira dos Santos* – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique **aqui** e assista.

MESA VOZES E OLHARES SOBRE AS LITERATURAS DE GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E ANGOLA

Convidada: *Marcinha Costa* – Escritora, Mestra em Estudos Literários (UEFS) Professora do ensino básico da rede municipal de Feira de Santana - BA.

Convidado: *Eliseu Banori* – Escritor guineense e Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ).

- **Mediação:** *Nágila Oliveira dos Santos* – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação com ênfase em Relações Étnico-Raciais (UFRRJ), Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UFF). Criadora e diretora da Revista África e Africanidades e escritora de literatura afro-brasileira. Na área de literaturas africanas é organizadora dos livros “Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras” (2009), “Okumana: vozes e olhares sobre literatura moçambicana” (2019) e “Nangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana” (2021).



Clique **aqui** e assista.